



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL**

HUGO LEONARDO SILVA DOS SANTOS

**POLÍTICA E FUTEBOL: A ORIGEM DO ESPORTE E SUA
UTILIZAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA LEGITIMAR OS
GOVERNOS AUTORITARIOS NO BRASIL**

**RIO DE JANEIRO
2015**

HUGO LEONARDO SILVA DOS SANTOS

**POLÍTICA E FUTEBOL: A ORIGEM DO ESPORTE E SUA
UTILIZAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA LEGITIMAR OS
GOVERNOS AUTORITÁRIOS NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Serviço Social
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de
Assistente Social.

Orientadora: Prof. Dra. Rosemere Santos
Maia

RIO DE JANEIRO

2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha mãe por todos esses anos de amor, dedicação e por me aturar por quase trinta anos.

Após seis anos de faculdade, percebo o quanto cresci, o quanto hoje consigo ver o mundo de uma forma completamente diferente de antes de entrar na universidade. Dessa forma, quero dividir minhas alegrias com os amigos e com as pessoas importantes ao longo dessa trajetória, e principalmente com os amigos que deram muita força diante da imensa dificuldade em concluir o trabalho. Posso citar Rebeca, Erika e Lilian.

A galera do Seu Tião F.C., por ter me proporcionado muitas alegrias dentro e fora de campo.

A minha supervisora de estágio Milena.

A minha orientadora, por ter sido a pessoa que acolheu meu trabalho, que a cada encontro aliviava minhas tensões ou me colocava mais desesperado ainda. Obrigado por ter acreditado no meu tema e ter me auxiliado até o fim. Sua sabedoria transmitida será de grande valia em minha atuação profissional.

Obrigado a todos.

"Futebol é um rito de inversão social, uma via de escape, arma de distração, veículo de comunicação, fenômeno social, expressão cultural"

(Alcides Antuna Cavallero, escritor argentino)

RESUMO

SANTOS. H. L. S. Ditadura militar e futebol: A origem do esporte e sua utilização como ferramenta para legitimar os governos autoritários no Brasil. Rio de Janeiro, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar brevemente a influência do futebol sobre a sociedade brasileira nos períodos de autoritarismo no Brasil, em especial no Período Vargas e durante a ditadura¹ Civil-Militar. Com o objetivo de conhecer e analisar questões relativas ao processo de chegada do futebol ao Brasil e sua crescente popularização, discutindo os elementos e processos que indicam a apropriação do futebol por grupos hegemônicos politicamente, que dominaram a cena política com ascensão de Getúlio Vargas ao poder, e também apresentar o processo de militarização, não só do governo, mas também da própria seleção brasileira, durante o regime militar, buscamos explicitar as estratégias utilizadas no que se refere a utilização do futebol para a manutenção do controle social e a busca pela união nacional utilizando como apoio esse esporte popular. Para isso, concentramo-nos na análise de documentos e de publicações sobre a temática. Apresentado em três capítulos, o presente trabalho analisa, no capítulo I, como se dá o surgimento do futebol na Inglaterra. No Capítulo II analisamos a chegada do futebol ao Brasil e sua popularização com a entrada de negros e pobres nos clubes. E por fim, no capítulo III, trazemos a ditadura se apropriando do futebol. o início da crise do regime militar e os rebatimentos no mundo do futebol.

¹ Serão abordadas as ditaduras no período do Estado Novo (Governo Vargas) e a Ditadura Militar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - ORIGENS DO FUTEBOL.....	12
1.1 FUTEBOL NA INGLATERRA: SURGIMENTO, CRIAÇÃO DE REGRAS E EXPANSÃO.....	16
CAPÍTULO 2 - INTRODUÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL.....	25
2.1 A INFLUÊNCIA INGLESA.....	25
2.2 FUTEBOL DAS ELITES.....	29
2.3 A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL.....	31
2.3.1 Futebol Popular: Negros, Mestiços, Pobres e Operários.....	35
2.3.2 O Futebol operário como espaço para entrada de negros e pobres.....	39
2.4 O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO.....	42
2.4.1 Período Vargas: Consolidação da profissionalização e o início do uso político.....	43
2.4.2 Intervenção varguista nas copas de 1934 e 1938.....	46
2.4.3 Pós Segunda Guerra: Década de 50, início de 60 e a guerra fria.....	50
CAPÍTULO 3 - DITADURA MILITAR E FUTEBOL.....	55
3.1 FRACASSO EM 1966 E O INÍCIO DA "MILITARIZAÇÃO" DA SELEÇÃO...55	
3.2 CRIAÇÃO DO "BRASILEIRÃO" E O FRACASSO NA COPA DE 1974.....	59
3.3 CRISE DO REGIME: CONTEXTAÇÕES DENTRO E FORA DE CAMPO...62	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXOS.....	76

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema o futebol e seu uso como elemento legitimador do governo militar e propagador da ideologia de integração nacional. Com o objetivo de apresentar a influência do futebol sobre a sociedade brasileira no período de maior endurecimento do regime da ditadura cívico-militar, durante os governos do general Médici e Geisel, busca-se investigar, de forma qualitativa, através de pesquisa bibliográfica e análise documental da época, tais como revistas, jornais, crônicas esportivas e vídeos, como o futebol foi utilizado ao longo da história como elemento de apoio político devido a sua popularidade.

O desejo de estudar sobre esse tema surgiu, principalmente, da paixão pelo esporte, tanto como espectador/torcedor, quanto pesquisador da história e praticante da modalidade. O futebol não tem sido alvo de estudo e pesquisa por parte dos assistentes sociais e acredito que seja em virtude de ser a área/esfera esportiva um espaço onde poucos profissionais conseguem atuar - ainda que em projetos sociais vinculados ao esporte que cada vez mais proliferam no contexto brasileiro - em que o próprio meio do futebol cria resistências ao trabalho destes profissionais. É de extrema importância estudar o poder que esse esporte tem junto aos segmentos sociais, os motivos que levaram governos a associarem a sua imagem ao futebol no período da ditadura militar, no qual esse estudo irá se focar.

No Brasil, a partir do processo de profissionalização e massificação do futebol, alguns governos se utilizaram da imagem do futebol, e essa associação despertou-me intenso interesse em pesquisar os reais motivos dessa aproximação entre futebol e política. O período dessa aproximação até o auge, no governo militar, mostra que além da intenção de integrar o país e legitimar o governo, serviu para tentar distrair o público e mascarar os reais problemas sociais e políticos vividos pelo que o país atravessava naquele período.

Seria, de certo modo, uma atualização da política do "pão e circo", que foi implantada na antiga Roma como uma estratégia que consistia basicamente em fornecer alimentação e diversão à população. Esta atitude era na verdade uma estratégia utilizada para manter o povo de "barriga cheia" e distraído, evitando que

eles se revoltassem. Com o aumento territorial em virtude das guerras que Roma travava e a elevação no número de escravos, a população romana passou a ter que contribuir com enormes valores tributários. Aliado a isso, não havia moradia digna para a maior parte da população e mantinham-se altos os índices de analfabetismo e desemprego.

Temendo um levante, os imperadores ampliaram a política do pão e circo iniciada por Otávio Augusto, conforme afirma Filho,

Tratava-se de um golpe da gestão pública, no sentido de distribuir migalhas de pão e trigo para alimentar a população e promover diversos espetáculos públicos - lutas de gladiadores nas arenas - com o objetivo de entretê-los, para que ficassem alienados a real situação romana. (FILHO, 2010, p. 336).

Na História de Roma surgiram os Gladiadores (**ANEXO A - Gladiador nos jogos públicos da Roma Antiga**), configurados em grandes espetáculos realizados nos circos e anfiteatros, onde ocorriam corridas de **bigas²**, lutas entre gladiadores, combates com feras e execuções.

Com essa política pública, o objetivo da alta sociedade de Roma obtinha êxito, pois, ao mesmo tempo em que a população se distraía e se alimentava, também esquecia os problemas, ficando a iminência de uma rebelião em estado de eterna latência. Ocorria a distribuição mensal de pães e trigos no *Pórtico de Minucius*, o qual assegurava o alimento cotidiano, e a realização, praticamente diária, de espetáculos para entreter a massa de 150 mil homens desocupados. (FILHO, 2010, p. 341).

No início da era moderna, tomando como ponto de partida os Jogos Olímpicos de 1936, realizado na Alemanha, e a Copa do Mundo de Futebol, realizada na Itália, observamos a utilização de tais eventos para a propagação de seu regime político, onde visualizaram os atletas e as equipes esportivas nacionais como uma extensão da política. Fica clara a instrumentalização do evento esportivo para propagar a imagem de um país, ou doutrina de vitória. (AMAZARRAY, 2011). As equipes representavam as cores da nação, e esse período de passagem do século XIX para XX, foi marcado por conflitos e unificações territoriais nos países. Um exemplo da utilização do esporte é visto na ascensão do nazismo na Alemanha, com

² Uma biga é um carro de guerra de duas rodas, movido por dois cavalos, semelhante a uma quadriga (movida por quatro cavalos). Foi usada na Antiguidade como carro de combate, mais especificamente durante as idades do Bronze e do Ferro.

a realização da olimpíada de 1936 em Berlim, que foi utilizada para apresentar e expandir o ideário nazista, e utilizando de seus melhores atletas, como o do boxeador Max Schmeling que enfrentou o Afro-Americano Joe Louis.

Passa a ficar nítido para governantes, líderes ou ditadores, que nesse período de início século XX, a preocupação com a imagem que essas nações passavam, era um período de afirmação e consolidação de sua ideologia, utilizando-se do esporte para preparação para guerra, como afirma Amazarray:

Mussolini mudou o nome dos times que remetiam à língua inglesa, como AC Milan, que se torna Milano, e Internazionale, que passa a ser chamado de Ambrosiana. Hitler via no esporte a ferramenta para obter uma nação de soldados aptos ao combate (2011, p.30).

O período de governo militar é caracterizado pela repressão, e o futebol seria o instrumento de legitimação da ditadura, através da associação da imagem do líder às vitórias no campo esportivo. A exposição da seleção brasileira de futebol dentro e fora do país ajudaria a passar um falso clima de normalidade política, desviando o foco das oposições, que se articulavam cada vez mais.

Uma grande evidência desta alienação das pessoas perante os problemas sociais brasileiros acontece nos anos de realização de Copas do Mundo. Em 1970, por exemplo, o Brasil vivia um momento político bastante crítico: a ditadura militar do governo Médici. Enquanto muita gente era perseguida, presa e torturada, o restante da população esquecia tudo de ruim que estava acontecendo no país, a única coisa que tinha importância era o desempenho da seleção brasileira na Copa do Mundo que estava ocorrendo. Desse modo, o futebol, por intermédio dos meios de comunicação, serviu, e ainda serve, de propaganda para vários governos.

No Governo Médici (1969-1974), era de extrema importância a conquista da Copa do Mundo de 1970, de modo a poder legitimar o governo diante da sociedade. A legitimação do governo já estava em curso em virtude dos resultados positivos do chamado "milagre econômico". A propaganda governamental confundia-se com o sucesso da seleção nacional de 70, que foi tricampeã na Copa. Os cartazes e os adesivos propagavam os famosos dizeres: "Brasil, ame-o ou deixe-o".

O general era um fanático do esporte, e fazia questão de divulgá-lo, assim como a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), órgão responsável pela propaganda oficial. Para a AERP, o dueto futebol e Médici caiu como "uma luva" na construção de uma imagem positiva do líder e de sua aproximação com os setores

populares. Segundo Magalhães (*apud* MAGALHAES, 2011), a seleção também seria bastante utilizada, principalmente após a conquista do tricampeonato, quando associou-se a vitória em campo com o próprio modelo de país.

No contexto do evento, os militares também se aproveitavam de outras variáveis além da participação brasileira. Pela primeira vez, os jogos seriam transmitidos ao vivo pela televisão, o que resultou em uma arma nas mãos da propaganda oficial do regime. Conforme Matos (*apud* MAGALHÃES, 2011) o governo conseguiu associar o bom momento econômico, com a possibilidade de adquirir televisores e assim acompanhar a seleção ao vivo e em casa.

A indústria cultural também sai favorecida nesse momento de crescimento econômico, já que ela está intimamente ligada ao modo de produção capitalista, como afirma Maria Armanda Arruda: "O ponto de partida a ser tomado é a própria acumulação capitalista [...]" (ARRUDA, 2004, p.36). Esse modo de acumulação favorece a formação de gigantescos blocos econômicos, a diversificação das mercadorias e o Estado atuando justamente com seus aparelhos de governo.

Como podemos observar, a imagem do futebol é explorada de modo exaustivo, atuando como uma ferramenta de manipulação e controle social. Esta modalidade esportiva, da maneira como é apresentada pela mídia, pode ser traduzida como um "pão sem nutrientes", que somente engorda aos detentores do poder e, como um "circo" acresce pouco ou quase nada de útil para a formação do pensamento crítico da população.

Diante disso, apresentaremos neste estudo a chegada do futebol ao Brasil, seu processo de popularização, a intervenção política no governo Vargas nas federações regionais e na seleção brasileira, e o período ditatorial, com foco especial no período de maior endurecimento do regime (anos de 1967) até o início da crise do governo militar, com o fim do chamado "milagre econômico brasileiro" (1974), e a utilização da seleção brasileira de futebol como meio de propagação e formação de uma identidade nacional.

CAPÍTULO I - ORIGENS DO FUTEBOL

O futebol faz parte de expressões da cultura, e passa a ser bastante ligado ao Brasil no momento de chegada a sua rápida popularização. Quando o futebol é mencionado, é possível articulá-lo com as expressões populares do Brasil.

É difícil precisar o local exato de surgimento, mas em seus estudos, Silva (2011) afirma que há registros de diversos locais do globo terrestre onde já era praticado esporte similar ao que é o futebol nos tempos de hoje. O que pode ser dito é que o futebol quase sempre esteve ligado a fertilidade, representada sobre a forma de cultos e rituais que faziam referência as estações do ano e ao sol (SILVA, 2011). Um pequeno exemplo de exaltação ao Sol é o formato oval das bolas primitivas,

a sua prática e seus instrumentos de jogo apresentavam construções relativas à própria organização da natureza, a bola, por exemplo, representava o sol, ou seja, a potencialidade do sol sobre a terra, a fertilidade (SILVA, 2011, p. 25).

É difícil precisar a origem exata, mas diversas regiões do globo já praticavam o que seria o ancestral do futebol. O esporte praticado era vinculado às características culturais de cada região e, no início, cada região tinha a sua regra específica, utilizando a mão ou não no auxílio a condução da bola. Desde a mais remota antiguidade, os mais diferentes povos das mais diferentes regiões já corriam atrás de algum objeto esférico. Italianos, romanos, chineses, japoneses, gregos, e tantos outros fizeram desse objeto esférico peça de rituais, de confrontos, de diversão, todos eles a sua maneira. Depois da chegada a Inglaterra, passa a ser submetido a regras, normatizando a antiga prática, passando de simples jogo a um esporte.

Criado por volta do ano 2600 a.C., na China, durante a dinastia do imperador Huang-Ti, o Tsu-Shu (**ANEXO B - Jogo de Tsu-Shu**) foi inventado por um guarda imperial de nome Yang-Tsé, e era jogado com os pés, e usava couro ou até mesmo crânio humano, adquirido nas batalhas contra outras nações, como bola. As regras consistiam em não permitir que a bola tocasse o solo e cruzasse os limites demarcados. A bola deveria ser chutada por entre dois pedaços de madeira, que eram ligados por fios em suas extremidades. O esporte primitivo foi criado como

forma de treinamento para os combates nas guerras. O mais curioso é que, segundo Poli e Carmona (2006), as mulheres eram autorizadas a participar do jogo

Trazido ao Japão pelos chineses por volta de 2500 a.C., o Kemari era muito similar ao Tsu-Chu. A nobreza aproveitava os momentos livres para a prática do esporte e utilizavam uma bola feita de fibras de bambu, e as regras eram bem similares ao esporte chinês, mas não havia vencedores. O objetivo era apenas ter um grande controle sobre a bola, apuro da habilidade na arte de chutar. Os escravos, que não podiam participar, ficavam nas proximidades do local da prática de modo a pegar a bola quando esta fosse chutada para longe. Parece curioso e até engraçado, mas parece que os japoneses acabaram criando uma espécie de ancestrais dos gandulas que atuam hoje. Depois deste ritual todo, o jogo começava com 6 a 8 jogadores que formavam uma roda, passando a bola um para o outro. No século XI, o jogo passa por um processo de popularização, mas isso não queria dizer que a atividade não tinha distinção entre jogadores. A distinção social acabou sendo substituída por uma hierarquização por habilidades, pelo fato do jogo iniciar pelos pés de um jogador de maior nível, ou maior habilidade,

o jogo praticado em círculo era iniciado por um jogador considerado de *nível superior* que passava a bola a outro de *nível inferior*, esta distinção hierárquica não é tão simples uma prática apenas, mas a representação no jogo de uma consciência da estrutura social japonesa da época disposta na tradição das dinastias. (SILVA, 2011, p. 28).

Os gregos foram os criadores dos jogos olímpicos e as atividades físicas já faziam parte da vida naquele período, tanto para fins de treinamento militar quanto para manutenção da própria saúde. O Episkyros era praticado pela nobreza e por grande parte do povo, diferentemente do "parente" do oriente, que ficava restrito a nobreza. A bola era feita de bexiga de boi e o local onde era praticado já apresentava à forma retangular similar as dos campos de futebol dos tempos de hoje. Até algumas expressões, muito parecidas com as usadas atualmente, eram proferidas durante o jogo, como bola longa, passe curto, passe para frente.

As regras consistiam de que a bola poderia ser chutada ou levada com as mãos, sendo um pouco parecido com o futebol americano. (POLI; CARMONA, 2009)

Praticado no Império Romano por volta de 200 a.C., o Harpastum (**ANEXO C - Harpastum**) era inspirado no contato com a cultura helênica. Era o esporte que tinha, por objetivo, o treinamento militar e simulação de táticas de guerra, já que,

nesse período, Roma passava por guerras de defesa e expansão do império. A coincidência deste esporte com o futebol atual era que já existiam posições mais ou menos definidas. Em quatro linhas eram divididos os Astatii, os Veliti, os Principii e os Triarii, que correspondiam aos atacantes, aos meio-campistas, aos defensores e aos goleiros. Mais adiante, o esporte ganhou popularidade e difundiu-se na Europa, Ásia e norte da África. De acordo com Silva,

O jogo como uma técnica de treinamento era realizado dentro de um campo retangular em que os legionários deviam levar a bola ao outro lado do campo colocando a bola atrás da linha de marcação final da equipe adversária sendo a forma de marcação deste jogo violentíssima. (SILVA, 2011, p 29.)

No Harpastum também existia uma relação hierárquica, onde guerreiros veteranos disputavam partidas contra jovens guerreiros. Essa disputa, entre veteranos e aprendizes, tinha o objetivo de treinar e educar os corpos para as batalhas que estavam por vir.

Apesar de já ter posições definidas, esse jogo ainda tinha regras que coibissem faltas. O esporte acabava descambiando para violência, chegando muitas vezes a quase matar jogadores da equipe adversária.

As invasões romanas ao território da Normandia (atual França) e da Bretanha (atual Inglaterra) não trouxeram apenas destruição e dominação, mas deixaram o Soule, criado a partir do Harpastum. O jogo foi levado no ano 50 a.C. e suas regras não eram muito precisas, não existindo número definido de jogadores e o espaço onde era disputado era extremamente amplo. Segundo Porto e Máximo:

"Variando ou não o número de participantes ou as dimensões do campo, havia sempre uma linha de meta a transpor, fosse com o simples arremesso da bola, fosse fazendo com que esta passasse entre dois bastões fincados no chão" (1968, p. 17).

O jogo também não possui regras de limitação da violência, assim como seu parente romano. A crescente violência do esporte faz com que Reis interfiram, em diversos momentos da história, de modo a proibir o jogo. De acordo com Scaglia,

Com a crescente popularização desses jogos, em 1314 o rei Eduardo II decide proibir a sua prática, dizendo que eles poderiam desviar a atenção dos jovens, distanciando-os da prática do arco e flecha, esportes evidentemente mais importantes para uma nação em guerra. A mesma atitude foi adotada pelos reis subsequentes, com Felipe V, em 1319, Carlos V, em 1369, Eduardo III, 1349, Henrique IV, em 1410, Henrique VI, em 1547, impondo rigorosas proibições. Mas de nada adiantou, pois o jogo continuou

sendo praticado clandestinamente, sobretudo nos mosteiros, onde as ordens reais não exerciam muita influência. (1999, p. 10)

Os italianos chamam até hoje o futebol de Calcio. Esse jogo foi disputado por conta de uma rixa que envolvia problemas políticos e militares com o príncipe de Orange, quando Florença estava sitiada por tropas, em 1529. Duas facções políticas decidiram resolver seus problemas numa partida de futebol, na Piazza de Santa Croce. O jogo possuía um total de 27 jogadores, com uniformes diferenciando uma equipe da outra, e já havia a divisão por posições no campo como: *corridori* (atacante), *sconciatori* (médios), *datori innanzi* (médios recuados ou zagueiros avançados), *datori addietro* (zagueiros recuados). A violência imperava onde socos, pontapés e mordidas valiam e era disputado ao longo de algumas horas. Como a violência era uma das marcas características as regras foram estabelecidas por Giovanni di Bardi, em 1580, passando a ser arbitrado por dez juízes, e pontapés e trancos passaram ser considerados como faltas.

A bola podia ser impulsada com os pés ou as mãos, e precisava ser chutada numa barraca armada no fundo de cada campo. O esporte se espalhou rapidamente por todo país, e hoje é uma festa anual em várias cidades da Itália. Silva afirma que:

mesmo com sucessivas proibições houve na Itália, mais especificamente em Florença, a transformação do Harpastum romano em um jogo chamado *Cálcio*, os florentinos tornaram o jogo romano uma parte das festividades de carnaval sendo jogado uma vez por ano entre equipes que alimentavam a rivalidade durante o ano inteiro. (SILVA, 2011, p.29)

É importante ressaltar que a Europa, no século XVIII, começava a viver o período da Revolução Industrial. A mudança do modo doméstico, o modo de vida feudal para o modo fabril de produção, das ferramentas, das máquinas, das fábricas e do surgimento das cidades. A Inglaterra foi o berço dessa revolução, que será consolidada entre meados do século XVIII e meados do século XIX.

Por ser o país onde originou a criação das regras para o que hoje é o futebol moderno, a Inglaterra teve papel de destaque nessa expansão do futebol, local esse que é considerado o berço do futebol. O capitalismo, em fins do século XIX, já alcançava grande parte do mundo, tornando-o mais próximo, mais globalizado, tendo os ingleses como pioneiros. Para dominar e influenciar o mundo, não somente o investimento de capitais era necessário, mas também trazer consigo seus

costumes. O escritor português Eça de Queiroz já escrevia sobre a presença e a influencia da Inglaterra:

"Estão por toda a parte, esses ingleses! Porque, por mais desconhecida e inédita seja a aldeola onde se penetra, por mais por mais perdido que se ache num obscuro canto do Universo o regato ao longo do qual se caminhe, encontra-se um inglês... impermeável às civilizações alheias, atravessando religiões, hábitos, artes, culinárias diferentes, sem que se modifique num só ponto, numa só prega, numa só linha o seu protótipo britânico..." (*apud* FRANZINI, 2009, p. 110)

Apenas trazer o progresso através da instalação de bancos, ferrovias, aparato militar não era suficiente para garantir sua influência, mas sim, trazer junto seu modo de vida, pois: "... a beleza da época estava exatamente na europeização e, com seu duplo, no crescente aburguesamento do mundo que então se vivia" (FRANZINI, 2009, p. 111).

1.1 FUTEBOL NA INGLATERRA: SURGIMENTO, CRIAÇÃO DE REGRAS E EXPANSÃO

Os primeiros registros de um esporte semelhante ao futebol nos territórios bretões vêm do ano de 1175, no livro *Descriptio Nobilissimae Civitatis Londinae* de Willian Fitzstephen. Era um jogo semelhante ao Soule - influenciado pelo Haspartum - durante a Schrovettide (espécie de Terça-Feira Gorda), que habitantes das cidades inglesas saíam à rua chutando uma bola de couro ou até mesmo um crânio de um inimigo, para comemorar a expulsão dos nórdicos.

Por muito tempo o futebol foi apenas um festejo para os ingleses. Lentamente o esporte passou a se popularizar. Era comum jogadores terem pernas quebradas, roupas rasgadas, dentes arrancados. Houve também muitas mortes por conta da rivalidade entre times. Por isso, o esporte ficou conhecido como mass football ou futebol de massas (**ANEXO D - Mass Futebol ou Futebol de massa na Inglaterra**). Era o esporte das massas e sem regras. O objetivo desse futebol medieval era apenas levar a bola até um local determinado, não importando de que modo seria realizado. Centenas de pessoa jogavam as partidas e a mesma poderia durar todo dia.

Como inicialmente não era bem visto, devido a violência e por ser praticado pelas camadas populares, o esporte passou a ser proibido. Mesmo assim, crescia o

interesse na prática do jogo, e aos poucos o esporte passou a ser liberado para ser praticado nas escolas e universidades, por jovens aristocratas.

Por volta do ano de 1700, passam a se proibidas as formas de violentas do futebol. O esporte teve que mudar, e foi ganhando características modernas. Em 1710, as escolas de Covent Garden, Strand e Fleet Street passaram também a adotar o futebol como atividade física. Com isso, ele logo ganhou novos adeptos. Com a difusão do esporte pelos colégios do país, os problemas passaram a ser os diferentes tipos de regra de cada escola. Duas regras de diferentes colégios prevaleceram na época: uma, jogada só com os pés, e uma com os pés e as mãos. Criava-se, assim, o Football (**ANEXO E - Início do Futebol na Inglaterra**) e o Rugby, em 1846.

O jogo até então estava proibido em muitos lugares da Europa inclusive na Inglaterra, mas em 1681 devido às relações diplomáticas entre Florença e aquele país houve o descobrimento do Cálcio italiano pelo contato entre estas regiões, assim o Rei inglês Carlos II derruba a proibição ao jogo *futebol de carnaval*, mas apesar da legalização este futebol foi reduzindo a sua popularidade e se restringindo a lugares menores devido às sucessivas proibições no decorrer dos séculos. Isto o levou a ser praticado em maior escala nas universidades inglesas, local onde não eram proibidos, já no início do século XIX. (SILVA, 2011, p. 30)

O futebol, como esporte moderno, foi criado na Inglaterra do século XIX. A aristocracia não praticava tais jogos, pois via como um esporte de bárbaros, jogado por pessoas sem cultura, além de ser muito violento (as regras ainda não estavam consolidadas). A aristocracia preferia praticar outros jogos, como a equitação, a caça e a esgrima. Quebrada a resistência e introdução de regras e regulamentos ao futebol, a aristocracia passa a praticá-lo. O futebol teve como foco de irradiação o meio industrial aristocrático, ligado aos hábitos de lazer. A Igreja Católica e os colégios incentivavam a prática futebolística não só como meio de lazer, mas também como uma forma de controle social. Com a formação de equipes nas escolas, acaba caracterizando o início da fase amadora, que ainda manteve o elitismo, já que os confrontos futebolísticos e os campeonatos ficavam restritos, tratou do futebol como símbolo de distinção social, um bem restrito à elite econômica e cultural. A fase amadora caracterizou-se também pelo elitismo dos torcedores, nos atletas dos times e pela cobertura dos jornais.

Por volta do ano de 1800, ocorreu uma cisão entre os dois esportes, pois existia uma regra onde não era permitido tocar a bola com as mãos. Essa mesma

regra foi rompida pela Rugby School, e Cambridge se manteve fiel a regras de não por as mãos na bola.

Como o gosto pela prática foi só se intensificando, e a repressão aos jogos já não dava muito certo, as questões tiveram que ser resolvidas de outra forma. Já que não parariam de ser praticadas, a melhor solução era de que os jogos fossem regulamentados. De acordo com Silva,

Neste momento não fica difícil entender o futebol organizado dentro de um ambiente burguês de produção do conhecimento, a universidade. Esta prática organizada sobre os princípios da lealdade, da destreza e do cavalheirismo está assentada nos valores da época disseminados a partir do preconceito social, pois se jogava nas universidades um jogo proibido às classes menos abastadas. (SILVA, 2011, p. 30).

O futebol chega ao século XIX muito mais organizado, com grande adesão nos meios universitários, aceito por grande parte das elites e separado na infância do seu "irmão" rugby.

O início do século XIX foi o período do ápice da primeira Revolução Industrial na Inglaterra. A classe operária já estava praticamente consolidada e já começava a adquirir a sua consciência de classe. Em O Capital, Marx cita que às primeiras leis que limitaram a jornada de trabalho foram promulgadas em setembro do ano 1866 no Congresso Internacional dos Trabalhadores, estabelecendo a jornada de trabalho em 10 horas. Uma das grandes conquistas da classe trabalhadora.

A falta de regras e a violência do esporte faziam com que a produção na fábrica caísse, devido a lesões causadas na atividade recreativa, prejudicando a produção e o lucro da burguesia industrial. Era preciso, também, regulamentar esses jogos, para torná-los menos violentos e deixá-lo dentro da esfera do controle do Estado. A regulamentação foi expandida, com a ajuda do Estado, para toda a sociedade inglesa.

Ao longo da história sempre que alguma classe obteve a hegemonia sobre outro grupo social, foi necessário que a primeira criasse um conjunto de regras, para que não houvesse alteração na estrutura vigente. O esporte era uma forma de socialização e ao mesmo tempo uma "válvula de escape" para as dificuldades da vida na época, se não fosse controlado e assistido de perto poderia se tornar perigoso para a classe hegemônica. Conforme Maximo:

Na Inglaterra, o esporte era difundido como parte de uma política pública, que seguia a corrente darwinista. A atividade física que o futebol propiciava servia como uma ferramenta a saúde física e na transferência de valores morais na formação dos homens da elite inglesa. Nesse mesmo período da revolução industrial, o operariado passa a ter grande relevância como classe social e o futebol era uma forma de recreação que reduzia as preocupações dos industriais com possíveis greves dos trabalhadores. Como as escolas oficiais inglesas começavam a ser freqüentadas por meninos de uma classe média em ascensão, os nobres de verdade se misturando com os que tinham dinheiro para comprar nobreza, o pedagogo previu que idéias novas, reformistas, revolucionárias mesmo, poderiam contaminar os futuros homens do Império britânico. Com o futebol, os meninos não perderiam tempo conversando nos recreios, trocando idéias; os nobres poderiam ser influenciados pelos plebeus, cabeças se fazendo, segundo Arnold, na direção errada. Além disso, o que haveria de mais eficaz e menos perigoso para canalizar as energias dos jovens, 11 de um lado, 11 de outro, correndo atrás de uma bola, brigando por ela durante a hora do recreio (1999, p. 180).

A prática de esportes contribuía para o controle da agressividade do próprio homem. Gay diz que é justamente praticando tal agressão, só que de forma controlada, que o homem cultiva o ódio que possui instintivamente. (GAY, 1995, P 529)

Em 1863, foi fundada na Inglaterra a Football Association, fazendo com que se criassem regras para a prática do jogo. Formavam-se assim tabelas e datas dos jogos. As elites e o estado controlavam a prática do esporte. Os times eram formados pelas fábricas espalhadas pelas diversas cidades do país. Os jogadores eram os funcionários destas fábricas, que disputavam jogos, geralmente nos sábados a tarde (tradição existente até hoje na Premier League) no dia em que tinham folgas.

O futebol popular e oriundo das indústrias passa a ser o carro-chefe do processo de profissionalização do futebol. O futebol deixa de ficar restrito as elites e passa a ser difundido em toda Inglaterra. O processo de industrialização intensificou as ondas migratórias do campo para os grandes centros industriais, e nessas grandes metrópoles surgiam os trabalhadores que chegavam de diferentes partes e não possuíam identidade coletiva ou laços de parentesco. O futebol era um esporte que visava despertar o companheirismo e a disciplina e por conta do ritmo de vida e das exigências das grandes cidades, que misturavam pessoas das mais diversas origens, transformando essas pessoas em estranhas umas as outras, o futebol teve o poder transformar-se na religião leiga da classe operária, segundo Giulianotti:

[...] entre 1820 e 1860 surgiu um enorme vácuo no lazer popular, com o abandono dos antigos esportes praticados nas aldeias (adestramento de cães para atacar ursos, futebol primitivo, briga de galos etc.) pela população que seguia em massa rumo às cidades em busca de emprego nas indústrias. Desse modo, fazia-se necessário que esse numeroso contingente humano adotasse uma nova forma de distração para os seus raros momentos de lazer. Sendo assim, o futebol moderno veio então não somente a preencher essa lacuna como também transformou-se num dos principais símbolos de uma nova sociedade urbana e industrial (FERREIRA, 2005, s/p).

O futebol passa a ser a atividade que liga esses grupos num interesse comum, sendo esse o crescente gosto pelo jogo. "Contemporâneo da revolução industrial, o futebol moderno nasce simultâneo à urbanização veloz das cidades, à expansão fabril e, portanto, ao surgimento dos próprios operários" (STÉDILE, 2013, p 16).

A massificação do futebol acabou sendo útil a intensificação do sentimento nacional, e até mesmo a propagação de regimes autoritários como ocorridos na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini, na ditadura militar brasileira; situações essas que serão citadas nos próximos capítulos.

No ano de 1848, foi estabelecido um único código de regras para o futebol. No ano de 1871, foi criada a figura do goleiro, que seria o único que poderia colocar as mãos na bola. Em 1875, foi estabelecida a regra do tempo de 90 minutos e, em 1891, foi estabelecido o pênalti, para punir a falta dentro da área. Somente em 1907 foi estabelecida a regra do impedimento. A criação das regras, num primeiro momento, serviu para diferenciá-lo do rugby, que era um esporte que utilizava mãos e pés para prática.

O profissionalismo no futebol foi iniciado somente em 1885 e no ano seguinte seria criada, na Inglaterra, a International Board, entidade cujo objetivo principal era estabelecer e mudar as regras do futebol, quando necessário. No ano de 1897, uma equipe de futebol inglesa chamada Corinthians fez uma excursão fora da Europa, contribuindo para difundir o futebol em diversas partes do mundo.

Em 1888, foi fundada a Football League com o objetivo de organizar torneios e campeonatos internacionais. Conforme Silva,

Esta prática organizada sobre os princípios da lealdade, da destreza e do cavalheirismo está assentada nos valores da época disseminados a partir do preconceito social, pois se jogava nas universidades um jogo proibido às classes menos abastadas. Mais uma vez se observa no jogo as representações do que uma sociedade é, ou seja, transfere-se a prática do

jogo elementos da organização social, assim nasce o futebol como produto do capitalismo, como produto dos valores do sistema social. É o *Football Association* fundado em 1864 por estudantes universitários ingleses. (SILVA, 2011, p. 30)

O caráter inapelável das regras deu unidade ao futebol e teve papel fundamental em sua popularização, sendo esta influenciada pelo amadurecimento das correntes de pensamento que caracterizaram o século XIX: o darwinismo social³, nacionalismo, o liberalismo.

O futebol passa a ser o esporte oficial nas Universidades de Cambridge, Oxford e também nas escolas privadas. As futuras elites do país aprenderiam num campo de futebol a pensar e agir rápido, a adquirir a fibra necessária para se fortalecer.

No mesmo momento, o esporte caiu no gosto do operariado. Ao mesmo tempo em que brigavam por direitos, através da formação dos primeiros sindicatos. Em 1871, tornou-se obrigatório nas instituições de ensino secundarias e as escolas públicas passaram a abrigar a prática do futebol. Times formados pelos empregados de empresas começaram a serem criados - o Arsenal, de uma fábrica de armamentos (fundado em 1886), e o Manchester United, composto por ferroviários em 1878, são dois exemplos -, com financiamento e treinamento bancados pelos patrões. Com exceção do Arsenal, que é de Londres, a maioria dos times que se destacaram nas competições da época é oriunda da região norte da Inglaterra, majoritariamente composta por indústrias e por uma população mais pobre.

Em 1883, os jogadores-operários do Blackburn Olympic foram liberados do trabalho para receberem treinamento em tempo integral. Como resultado, venceram a Copa da Inglaterra, batendo a elite de ex-alunos de Eton, da cidade homônima. Multidões passaram a acompanhar os jogos - e pagavam por isso. Era o início da profissionalização do esporte e o futebol passava a ser o esporte das massas. A profissionalização foi aceita em 1885. A passagem do futebol do ambiente escolar das elites para as fábricas não se refletiu apenas na adoção do profissionalismo, mas também houve uma mudança de mentalidade em relação ao esporte, que deixou de ser tratado apenas como atividade de lazer ligada à melhoria da condição

³ Darwinismo Social: De acordo com esse pensamento, existiriam características biológicas e sociais que determinariam que uma pessoa é superior à outra e que as pessoas que se enquadrassem nesses critérios seriam as mais aptas. Geralmente, alguns padrões determinados como indícios de superioridade em um ser humano seriam a habilidade nas ciências humanas e exatas em detrimento das outras ciências, como a arte, por exemplo, e a raça da qual ela faz parte.

física e mental do indivíduo, passando também à condição de mercadoria. Quando a equipe operária se destacava nos torneios era uma forma também de dar visibilidade a fábrica.

Muitos dos times de fábrica, que se desenvolveram naquela época, passaram por um processo de profissionalização, ainda que, em muitos casos, disfarçado. Logo surgiram equipes como o Blackburn Olympic, onde os operários eram contratados muito mais em função da habilidade demonstrada com a bola nos pés do que pela sua eficiência no trabalho nas minas de carvão³. Com isso, surgiu a figura do "operário-jogador", assunto do qual trataremos mais adiante. (FERREIRA, 2005, s/p)

Nas sociedades mercantilizadas, o futebol de base amador e estudantil passa a se tornar profissional e de massas. Passa ser mais um produto, mais operário na dinâmica do capitalismo. Trabalhador que vende sua força de trabalho - sua habilidade e qualidade futebolística - com o objetivo de entreter multidões crescentes de apaixonados pelo esporte.

Embora o futebol moderno, e já regido por regras, seja uma invenção inglesa de fortes relações com as mudanças que ocorriam daquele país, principalmente no final do século XIX, a expansão desse esporte pelo mundo se deu pelo protagonismo que a Inglaterra tinha naquele período. Já era uma das nações mais desenvolvidas, com um grande poderio militar apoiado numa forte marinha, além de possuir várias áreas comerciais e de influência ao redor do mundo. Essa influência possibilitou o intercâmbio com a cultura inglesa, e facilitou expansão do futebol.

De forma rápida, o futebol, ou o *football*, tornou-se uma verdadeira paixão em diversos países, seja na França, onde chegou em 1872; na Suíça, em 1879; na Bélgica, 1880; na Holanda, na Dinamarca, e na Alemanha, em 1889; na Itália, em 1893; e chegando ao Brasil, em 1894. Passa também a ganhar repercussão mundial como esporte quando passa a fazer parte dos jogos olímpicos de Londres, em 1908. Porto e Maximo afirmam que,

A universalização foi apenas uma consequência: primeiro, da motivação criada pelos encontros internacionais iniciados entre equipes da Grã-Bretanha; depois da difusão do jogo em outros países, feita pelos ingleses que cruzavam a Mancha e se estabeleciam no continente [...] (1968, p. 41)

Paralelo ao processo de industrialização manifestava-se também o desenvolvimento das cidades e o aprofundamento das desigualdades sociais, já que

o processo de mercantilização da produção desqualificava o trabalho braçal, o que fazia o salário diminuir. Existia também uma intensa concorrência entre homens, mulheres e crianças a partir dos 6 anos de idade por emprego.

A exploração acentuada dos trabalhadores reduzia a capacidade de trabalho como também a média de vida do trabalhador.

O surgimento do futebol moderno, portando regras, serve como ajuda para utilizar a então promissora prática esportiva como um meio de reprodução da força de trabalho, de manutenção do vigor físico necessário ao sustento da exploração do capitalismo e controle social. Seguindo essa linha, o futebol passa por um processo de expansão, mas sendo necessário que tivesse regras, que o mantivesse sobre controle. De acordo com Stédile,

Reproduzia em campo, um ambiente que era muito familiar para quem estava na fábrica: a especialização das funções (cada pessoa tem uma função no time como na fábrica), o trabalho coletivo, a disciplina através da fixação das regras e do controle do tempo, além da competitividade e do estabelecimento de metas. (2013, p 16)

O futebol foi exportado por meio de britânicos a serviço em outros países ou por pessoas que passaram por uma temporada de estudos na Inglaterra. Foi o caso do paulista Charles Miller, que introduziu o futebol no Brasil após trazer da ilha britânica duas bolas e um livro de regras. A influência econômica e cultural da Inglaterra na América do sul se reflete nos clubes fundados por colonos batizando os times fundados durante o fim do século 19 e início do século 20, como River Plate (1901), Newell's Old Boys (1903) e Corinthians (1910).

O futebol como modalidade esportiva é resultado da organização de elementos referentes aos períodos: Antigo, Feudal e Moderno, numa Inglaterra economicamente influente para a América do século XIX, sendo a primeira uma potência mundial caracterizada por uma hegemonia no plano político, econômico e socio-cultural. Dessa forma, temos um contexto em que o Brasil "emancipado" dos laços de dominação colonial com Portugal vê-se obrigado economicamente a manter relações com a metrópole britânica, pois esta nos fornece "[...] todo o capital necessário para melhoramentos internos no Brasil e fabrica todos os utensílios de uso ordinário," (CASALECCHI, 1992, p.26 *apud* SILVA, 2011, p. 32).

No ano de 1904, foi criada a FIFA (Fédération Internationale de Football Association) que organiza, até hoje, o futebol no mundo. A FIFA organiza os grandes campeonatos de seleções (Copa do Mundo) de quatro em quatro anos. Também

organiza campeonatos entre clubes, por exemplo, a Copa Libertadores da América, Copa da UEFA, Liga dos Campeões da Europa, Copa Sul-Americana, entre outros,

Os países fundadores foram Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Suécia e Suíça. A Alemanha, que não enviou representantes a reunião, aderiu por meio de telegrama. Embora reticente, a Inglaterra entrou na entidade em 1906. Em 1910 ocorreu a filiação do primeiro país não europeu, a África do Sul. (CORREA JUNIOR, 2008, p. 21)

Com a criação de regras e a própria influencia que a Inglaterra tinha sobre o mundo (O século XIX pode ser considerado o século do imperialismo inglês pelo mundo), assim como o comércio inglês se expandiu pelo mundo, os seus aspectos culturais também e, com isso, o futebol foi levado junto.

CAPÍTULO II: INTRODUÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

2.1- A INFLUÊNCIA INGLESA E A ORIGEM DO FUTEBOL NO BRASIL

A influência inglesa já era existente desde os tempos de laços com a colônia portuguesa. Logo após a separação de Portugal da Espanha, Portugal fez concessões comerciais aos ingleses em troca de apoio contra a Espanha. Por isso, foram firmados tratados com a Inglaterra, que resultaram numa grande dependência econômica.

Com esses tratados, a burguesia inglesa teve o acesso mais favorecido ao emergente mercado colonial português, que se estendia pelo Caribe, América do Sul, África e Ásia. De acordo com Fausto:

Na virada do século XVIII, a dependência lusa com relação à Inglaterra era um fato consumado. Para ficar em um exemplo apenas, o Tratado de Methuen, firmado pelos dois países em 1703, indica a diferença entre um Portugal agrícola, de um lado, e uma Inglaterra em pleno processo de industrialização, de outro. Portugal obrigou-se a permitir a livre entrada de tecidos ingleses de lã e algodão em seu território, enquanto a Inglaterra comprometeu-se a tributar os vinhos portugueses importados com redução de um terço do imposto pago por vinhos de outras procedências. É bom lembrar que a comercialização do vinho do Porto estava nas mãos dos próprios ingleses (1996, p. 61)

O Tratado de Methuen foi um dos exemplos de estabelecimento da dependência que Portugal sofria da Inglaterra. Esse tratado atingia diretamente as colônias, principalmente o Brasil, que vivia o auge da mineração nas Minas Gerais. Fausto afirma que:

O desequilíbrio da balança comercial entre Portugal e Inglaterra foi, por muitos anos, compensado pelo ouro vindo do Brasil. Os metais preciosos realizaram assim um circuito triangular: uma parte ficou no Brasil, dando origem à relativa riqueza da região das minas; outra seguiu para Portugal, onde foi consumida no longo reinado de Dom João V (1706-1750), em especial nos gastos da Corte e em obras como o gigantesco Palácio-Convento de Mafra; a terceira parte, finalmente, de forma direta, via contrabando, ou indireta, foi parar em mãos britânicas, acelerando a acumulação de capitais na Inglaterra. (1996, p 61)

Esses e tantos outros tratados que beneficiavam os ingleses no Brasil serviram de abertura para entrada da cultura inglesa no território. E nos séculos seguintes, o futebol também entraria por essas aberturas que existiam nas relações entre Brasil-Colônia e Inglaterra. A partir da vinda da família real para a colônia e abertura dos portos as nações amigas (no caso Inglaterra, que tinha feito a escolta da família real) se inicia de fato as relações entre Brasil e Inglaterra, e, principalmente, com as inovações trazidas pela revolução industrial.

O início do futebol por terras tupiniquins se deu antes do retorno de Charles Miller (**ANEXO F - O "pai" do futebol no Brasil, Charles Miller**) ao Brasil, em 1894. Era praticado de forma esporádica por marinheiros ingleses nos portos em que os navios atracavam. Na época, São Paulo crescia rapidamente por conta do ciclo do café, mesmo em queda de produção, ainda era o maior responsável pela economia monocultora brasileira. Ao mesmo tempo, imigrantes chegavam de diversas partes da Europa e do Japão, lembrando que a escravidão já tinha sido abolida em boa parte do país, e estava sendo introduzido o trabalho assalariado. Nos momentos de lazer, jogava-se críquete e se praticava remo, que eram esportes praticados pelas elites estrangeiras, que residiam, e pela elite brasileira, altamente influenciada pela e cultura dos ingleses.

O novo esporte, que desembarcava junto com os estrangeiros, passa a gerar grande interesse e se espalha rapidamente, seguindo os trilhos das ferrovias paulistas, chegando aos pés dos funcionários brasileiros e ingleses da São Paulo Railway - ferrovia que ligava a capital ao litoral. Mas, de fato, foi a chegada de Miller que organizou e impôs as regras do futebol. Para Silva:

A figura de Charles Miller é bem peculiar, pois a sua imagem como o pai do futebol brasileiro é questionada, se infere que Miller tenha sido escolhido para tal representação devido a ser filho das elites brasileiras da época, era interessante para estas eleger seus representantes na organização dos campeonatos: 1ª liga Paulista de Football¹⁴. Isso talvez explique o fato de times brasileiros como o *Sport Club Rio Grande*, clube mais antigo do Brasil, ser pouco estudado ou lembrado na história oficial. (2011, p. 31)

Apesar de ser comprovado que o Rio Grande é o Clube mais antigo, e que possivelmente o futebol teria primeiro sido praticado no sul ao invés de São Paulo, foi mantido o pioneiro representado num Inglês, oriundo das camadas mais abastadas da industrial São Paulo. Pode ser explicado por Silva:

Sabemos que a produção intelectual em grande parte da História esteve associada aos grupos hegemônicos dos grandes centros urbanos e industriais, e, no Brasil não foi diferente quando se analisa o caso do futebol. Pois como na citação acima a produção e disseminação das idéias aconteceu por meios das elites brasileiras de São Paulo e Rio de Janeiro representado pelas imprensas escrita e falada, na época de nascimento e propagação do rádio. (2011, p. 31)

Ribeiro complementa:

Na maioria das vezes, essa representação, resultado da confluência de experiências esportivas e elaborações intelectuais, encontra seus principais marcos em episódios que envolveram a população de centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Foi a partir da atuação das agremiações e das entidades dirigentes dali ou da trajetória da Seleção Brasileira - a qual, por longos anos, compôs-se, basicamente, de jogadores das equipes daqueles estados - que se elaboraram as narrativas que ajudaram a construir a memória de tal modalidade atlética. (*apud* SILVA 2011, p. 31).

Versões e mais versões de textos lidos para realização desse trabalho citam o surgimento primário do futebol em regiões diferentes e datas no Brasil, como:

Aquino (*apud* CORREA JUNIOR, 2002), diz que uma das citações sobre o futebol conta do ano de 1746, da Câmara Municipal de São Paulo, que proibia jogo, pois considerava causador de agrupamentos de vadios e desordeiros. Existem histórias sobre partidas disputadas nas praias e praças por volta do século XIX. Na época colonial, por volta do século XVIII, portugueses já jogavam um esporte similar ao futebol. Marinheiros ingleses teriam disputado uma partida nas proximidades da residência da princesa Isabel, nas Laranjeiras; Citações a cerca da pratica esportiva por ingleses e franceses na América do Sul, no ano 1864. No interior de São Paulo, um padre teria ensinado o futebol aos alunos, e isso teria acontecido no ano de 1873.

Correa Junior (2008) cita também sobre fontes que afirmam que um inglês chamado Hugh introduziu o futebol no Brasil, no ano de 1882, na cidade de Jundiá, onde ingleses e brasileiros disputavam partidas e trabalhavam na indústria São Paulo Railway.

E ainda existem indícios de que britânicos da Companhia Progresso Industrial do Brasil poderiam ter praticado a primeira partida no Brasil. Essa mesma fábrica fica em Bangu e daria origem ao Bangu AC.

Estudos discorrem sobre os primeiros "donos da bola no Brasil", mas, para este trabalho, será considerado como pai do futebol Charles Miller, pois segundo Poli

e Carmona (2009) apesar da versão mais plausível ser a do jogo que foi visto pela princesa Isabel, o que está registrado e documentado é sobre Charles Miller ser o introdutor do Futebol no Brasil.

Charles Miller era filho de pai inglês e mãe brasileira. Aos nove anos, partiu para Inglaterra afim de completar seus estudos na Banister Court School (era costume que os filhos das elites fossem estudar na ilha britânica, principalmente os descendentes de ingleses). Após 10 anos, retornou ao Brasil e trazia consigo bolas de futebol, camisas, chuteira e um livro de regras.

Miller tinha ciência do pouquíssimo conhecimento a cerca das regras de futebol e passou a empenhar-se através da promoção de partidas na capital paulista, formação de times, fundação de clubes, passando a ser visto como o precursor da modalidade no Brasil. Segundo Aquino:

A historiografia assinala a data de 14 de abril de 1895 para realização da primeira partida de futebol no Brasil. Graças aos esforços de Charles Miller, enfrentaram-se no campo da Cia. Paulista de Viação as equipes de trabalhadores do The Team Gaz e do The São Paulo Railway. (2002, p. 26)

No ano 1898, um professor chamado Augusto Shaw retornara dos Estados Unidos trazendo consigo uma bola de basquete, esporte que seria ensinado aos alunos. Os alunos, ao invés de usarem as mãos para praticar, preferiram jogar com os pés. Acabou dando margem a criação do primeiro clube destinado a pratica do futebol. Chamava-se Associação Atlética Mackenzie College (AAMC).

Na até então capital federal da jovem república, os primeiros passos oficiais do futebol em terras cariocas foram dados por Oscar Cox. Oriundo de uma nobre e rica família da capital, Cox, assim como Miller, foi para a Europa estudar, mais precisamente na Suíça. Ao retornar ao país, trouxe uma bola de futebol e muito entusiasmo em difundir o esporte na capital. Foi fundador do Rio Football Club, primeiro clube dedicado exclusivamente a prática de futebol, nas Laranjeiras. Também foi jogador, um dos fundadores e primeiro presidente do Fluminense Football Club.

2.2 FUTEBOL DAS ELITES

Esportes não eram muito praticados no fim do século XIX, pois, para as elites, qualquer forma de esforço físico poderia ser associada ao trabalho braçal, e isso lembrava as práticas dos escravos e dos pobres. No mesmo período, teorias europeias que defendiam a prática de exercícios começavam a chegar ao Brasil, como fortalecedoras do caráter e do corpo. A prática física passa a ganhar qualidades higienistas e fortalecedoras de modo que:

[...] o esporte oferecia agora uma perfeita oportunidade para que os cavalheiros, convertidos em *sportsmen* (esportistas), afirmassem sua distinção em relação ao caráter "preguiçoso e malemolente" da alma nacional. Dessa forma, proliferam clubes e práticas esportivas como remo, turfe, ciclismo e, um pouco depois, o futebol. (STÉDILE, 2013, p. 19)

O caráter preguiçoso da sociedade se refere aos ex-escravos, mestiços e pobres, e atividades físicas também eram formas de diferenciação das elites em relação a massa pobre. O esporte iria ajudar desenvolver melhor as elites brancas, pois tal desenvolvimento estaria na base de uma educação saudável que geraria um indivíduo forte, equilíbrio físico-mental, sendo os principais alvos a nobre juventude. Conforme Aquino:

Dizia-se que tais práticas eram fundamentais para sociedades marcadas pela mestiçagem, como era o caso do Brasil. O mito da superioridade do homem branco tornava os europeus mais aptos do que os povos de forte miscigenação racial. (2002, p. 31)

Desta forma, cresce a criação de espaços para as praticas esportivas como o turfe, o ciclismo, a corrida, o remo e o futebol.

No período da República Velha, o futebol se mantém restrito as oligarquias e aos estrangeiros, em especial aos ingleses. A formação das primeiras equipes se deu no interior desses grupos dominantes, e o futebol começou a conquistar a preferência perante os demais esportes, antes praticados na capital federal. Por ser um esporte coletivo, estimulava o espírito de disciplina e solidariedade entre os atletas. As regras de fácil aprendizagem também contribuíram pra hegemonia dentro das camadas mais abastadas e posteriormente na popularização.

O contexto da criação dos espaços esportivos pelas elites se dá num momento em que há a visão de modernização⁴ da república brasileira, onde

⁴ A história do Brasil mostra que ocorreram diversos projetos de modernização que se sucederam, impostos pelas elites políticas e econômicas que mantiveram sempre a exclusão da maioria da população quanto aos direitos e benefícios sociais mais elementares.

procuram trazer e cultivar os hábitos e valores europeus, onde o futebol era um desses elementos, já que era praticado pelas elites europeias. A tentativa foi de dar ao país um estilo mais europeu, procurando manter afastada a influência negra e indígena.

Essa tentativa de trazer modernidade ao Brasil é anterior a influência inglesa. Terminada as tentativas de invasão no início do período colonial, a cultura francesa sempre esteve presente na história do Brasil. Mesmo não tendo sido a principal colonizadora, exerceu grande influência no processo de independência da colônia portuguesa e, após a vinda da família real portuguesa, contribuiu para a renovação das artes e para as mudanças dos nossos hábitos culturais e sociais, ajudando na construção da identidade brasileira, visto que a colônia se encontrava em extremo atraso cultural em relação à Europa. A França não dominou a economia do Brasil como a Inglaterra ou Portugal, mas foi responsável pela primeira colonização cultural do país, influenciando o comportamento das elites, determinando modelos de vida social e referências intelectuais, desde a filosofia até a moda, da gastronomia à literatura.

Sendo norteado pelos valores do cavalheirismo, do jogo limpo e do amadorismo, práticas essas consideradas elegantes numa época de separação pelo status social, eram fundados colégios e clubes para se constituírem como espaços de formação, divertimento e sociabilidade entre a elite. Era uma das formas de distanciamento dos demais setores da sociedade, de modo a pregar pretensa superioridade desse grupo social. As primeiras ligas criadas, em São Paulo a Liga Paulistana de Football em 1902, e no Rio de Janeiro, a Liga Metropolitana de Football em 1905, só abrigavam os clubes da elite.

O futebol era tão vinculado ao país de origem que até os termos futebolísticos, usados pelos ingleses e filhos de ingleses que faziam parte das elites, eram em inglês. "quando um jogador de seu time estava com a bola e um jogador de outro time corria para tomá-la, tinha que avisar: 'man on you'." (FILHO, 2003, p.30).

Um esporte feito para ricos e aristocratas, numa terra marcada por extrema penúria e desigualdades, sendo fruto da implementação de um capitalismo de forma tardia, que acompanhasse o capitalismo que estava em plena expansão pelo globo. Um esporte das elites brancas numa sociedade recém-saída do regime escravocrata. O futebol associado ao progresso e à industrialização, onde mais da metade do país se encontrava num regime predominantemente agrário.

Dentro desses apontamentos, o futebol torna-se, em sua origem, um aspecto importante que aparentemente tornava homogêneas as diferenças existentes na jovem nação, como elemento na construção de uma identidade nacional. O esporte, que representa modernidade europeia, acaba sendo, mais tarde, apropriado pelas camadas pobres da sociedade. O sentimento de unicidade será exaltado usando o futebol, principalmente nas participações do selecionado brasileiro em competições sul-americanas e na Copa do Mundo. Projeto esse iniciado no governo Vargas (1937-1945), que será desenvolvido a frente.

Por ser uma prática esportiva de simples entendimento e de oferta de espaços para prática (terrenos baldios, várzeas), onde não se utilizavam uniformes e usavam bolas feito de couro ou bolas velhas, o futebol pôde expandir-se e até mesmo interiorizar-se, pois ainda existiam milhares de espaços vazios não alcançados pelo processo inicial de industrialização. Para Aquino:

[...] sua prática contou com o fato de serem poucas e simples as regras do jogo. Qualquer um, inclusive indivíduos dos seguimentos pobres e não alfabetizados da sociedade, poderia praticá-lo facilmente segundo regras. Bastava dispor de uma bola, de couro ou de pano para animar um "racha". O campo podia ser um terreno baldio, uma várzea, uma praça ou uma rua. (2002, p. 31)

A prática do futebol no Brasil ocorre a nível nacional, portanto nos concentraremos na região sudeste, em especial o Rio de Janeiro, que era capital da jovem República, e também pela oferta de material disponível encontrado para a pesquisa.

2.3 A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL

A popularização do futebol acompanhou o processo de industrialização do Brasil. Os processos migratórios para as metrópoles, a construção das estradas de ferro, de modo a escoar a produção cafeeira, tudo contribuiu na disseminação, na interiorização e na popularização do esporte. Rio de Janeiro e São Paulo absorviam populações vindas de diversas regiões do país e do mundo, e essas mesmas não possuíam qualquer vínculo identitário com essas novas regiões e passam a criar novos vínculos no trabalho fabril, e no futebol, inicialmente usado como meio de recreação. Sevcenko afirma que:

A expansão das cidades e a multiplicação da classe trabalhadora fazem surgir metrópoles onde as pessoas não possuem raízes e tradições, todas vinham de diferentes partes do território nacional e do mundo. Segundo o autor, na busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais que substituíssem as comunidades e laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungar ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores. (*apud* KRAUSE, 2010, p. 16)

Para completar, Toledo relaciona:

A crescente urbanização, nas primeiras décadas do século XX, de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, com o futebol, afirmando que "o esporte por algum dos elementos que contem e o caracterizam, ou seja, reflexo e agilidade, coletiva, dinâmica, espírito coletivo, a participação - não somente daqueles que, de fato, praticam, mas também assistem - expressou simbólica e materialmente o espírito do progresso dos centros urbanos (*apud* KRAUSE, 2010, p. 16).

Alguns fatores de importância contribuíram também para expansão do futebol no Rio de Janeiro, acontecimentos esses que têm relação com as políticas que estavam em pauta a partir do governo Pereira Passos (1902-1906). Pereira Passos aplicou políticas de modernização da capital federal, procurando adequá-las a nova dinâmica vigente, procurando executar reformas urbanas e sanitárias, inspiradas na reforma parisiense. De acordo com Tourinho:

Nos primeiros anos do século XX o Brasil estava na efervescência da *belle époque*, e o estilo de vida parisiense, mais do que uma influência, era uma meta a ser atingida. Na ânsia de entrar na modernidade neste período, o caminho mais natural utilizado era o de copiar modelos de desenvolvimento aplicados nas grandes capitais europeias. É neste ambiente, a reforma urbana de Paris também inspirou mudanças na reformulação do aspecto urbano da capital federal brasileira. (2007, p.8)

A política conhecida como "Bota-Abaixo" tinha por objetivo retirar as famílias menos abastadas da região central do rio, com isso foram derrubados e destruídos os inúmeros cortiços existentes. Com essa política implementada, avenidas largas foram abertas, e o porto foi ampliado. A expulsão dos segmentos mais pauperizados para regiões não habitadas, com oferta imensa de terras, ajudou, de maneira não premeditada, ao aumento da prática, agora devido a existência de grandes espaços. As várzeas e os terrenos baldios.

Além disso, pode ser citada a Revolta da Vacina (**ANEXO G - Representação**

da revolta da vacina na novela "lado a lado", da Rede Globo), no ano de 1904, cuja imposição da vacinação provocou uma intensa revolta popular, onde houve grande participação de capoeiristas no levante. A capoeira era uma atividade praticada em larga escala pelos ex-escravos e era uma prática estigmatizada pelos governantes que queriam enquadrar a república nos moldes modernos do capitalismo europeu, voltado para caráter disciplinador do trabalho. Conforme Cunha:

os mesmos representavam formas de resistência ao autoritarismo republicano, pois o corpo do capoeira funciona como um instrumento de autonomia e resistência. Sendo assim, o capoeira significa a ineficácia do aparelho disciplinador. (2015, p 30)

A Revolta da Vacina foi esmagada pelo aparato repressor do estado, tendo muitos capoeiristas morrido, sendo presos ou fugindo. A polícia acabou afastando a capoeira, que reinava em absoluto entre as camadas populares.

"O que restou para aquela gente? A bola, nos terrenos baldios que a remodelação da cidade oferecia. Diversas maltas se transformaram em time de futebol". (AQUINO, 2002, p.33)

Importante ressaltar que esse período coincide com época da chamada República Velha. Período esse caracterizado pela ascensão das oligarquias cafeeira e leiteira. Apesar da libertação das populações escravas, a constituição 1891 não buscava promover nenhum tipo de projeto de inclusão social e econômica dessa população historicamente marginalizada, no caso pobres e ex-escravos. Período também marcado pela repressão a movimentos populares e a manifestações culturais dos estratos sociais mais pauperizados. A capoeira é um exemplo de arte que fora perseguida nesse período. Ela foi incluída no código penal, através do artigo 402 e, por vários anos, era punida com prisão. Nesse período, era vista como coisa de malandros, de vadios, associado às religiões de matriz africana. Ao enquadramento da capoeira com crime no Código Penal, seguiram-se outras medidas de ordem policial concretizadas na prisão dos principais capoeiristas do Rio e sua imediata deportação para a ilha de Fernando de Noronha.

O samba, também por ter origem na matriz africana, sofria com as perseguições e repressões no início da república, assim com as grandes manifestações culturais negras da época. Nei Lopes definiu o período que antecedeu o surgimento das escolas de samba:

Qualquer manifestação africanista era objeto de repressão, inclusive policial. A abolição da escravidão havia se consumado cerca de 35 anos antes. Perseguindo o seu antigo ideal de embranquecimento, a sociedade brasileira rechaçava a cultura dos negros: seus santuários eram invadidos e depredados; suas manifestações artísticas, subestimadas e reprimidas; Seus pandeiros, quebrados pela polícia (*apud* PAVÃO, 2004, p. 15).

O medo das camadas superiores da sociedade após a abolição da escravidão, produziam um comportamento de defesa. Isso explicaria a perseguição aos costumes africanos, como a música e a dança. Na época do surgimento das primeiras escolas de samba, os negros e mulatos, oriundos das camadas inferiores da sociedade, estavam proibidos de se reunirem ou dançarem nas avenidas centrais da cidade. Quando esta ordem era desafiada, a cadeia era a solução.

Nas primeiras décadas do século XX, existia um certo fluxo cultural entre as classes sociais. Porém, isto não significa que este fluxo de bens culturais estava acompanhado pelo movimento de pessoas entre as classes. Existia o contato, mas cada indivíduo sabia perfeitamente seu lugar na estrutura social. Acontecia isso também com entrada de jogadores negros e pobres nos clubes da elite. Eles estavam ali para qualificar o time, para tornar o time mais competitivo. No entanto, não poderiam fazer parte daquele espaço onde os clubes da elite e seus sócios faziam parte. Sobre a união de ricos, negros e pobres para representar um clube, clube este pertencente a elite, pode ser feito um comparativo com o carnaval, quando ele também reuniu pessoas de diferentes estratos sociais para uma festividade, onde o ritual de se fantasiar, estar no lugar comum para as festividades, pode dar uma falsa impressão de uma democracia social.

É precisamente isso que parece ocorrer em momentos como o do carnaval brasileiro, quando o uso de fantasias permite relacionar ao núcleo (ou centro do sistema social) toda essa legião de seres, papéis sociais e categorias que, no curso da vida diária, estão escondidos e marginalizados. Desse modo, quando se inverte, procede-se juntando categorias e papéis sociais que, no mundo cotidiano, estão rigidamente segregados. O ambiente chamado "ritual" é, conseqüentemente, criado quando se coloca lado a lado o ladrão e o policial, a prostituta e a dona-de-casa, o presidiário e o diplomata, o travesti e o machão (DA MATTA, 1997, p. 80).

O início da popularização não se deu de forma tranquila e o mesmo era sujeito à distinção de classe, tanto que na capital federal foram criadas duas ligas: a Metropolitana de Futebol, onde só participavam os clubes das elites, como o

Fluminense, e a Suburbana de futebol, onde só participavam os clubes da periferia e das fábricas, como o Bangu.

Essa divisão se devia tanto as contradições entre as classes sociais quanto a questão do racismo existente na sociedade, ainda reflexo da recente abolição da escravidão, que se reproduzia nos campos de futebol. Os clubes pertencentes as ligas metropolitanas não permitiam o ingresso de negros e mestiços em seus quadros de sócios e menos ainda em seus times para a pratica futebolística.

A defesa do futebol no plano amador, com a separação através da liga metropolitana, era defesa de um futebol sem a presença de negros, que eram a grande maioria da população pobre. Um futebol fechado aos seguimentos populares, e restritos apenas as elites. Mas "O fato de que, eventualmente, alguns jogadores negros penetrassem nesse espaço definido não invalida o quadro geral de fechamento". (HELAL; GORDON JUNIOR, 2001, p.65)

Além da resistência das elites em dar abertura aos segmentos populares, a imprensa, a literatura também mostrava forte resistência ao futebol, vendo-o como um estrangeirismo, como Lima Barreto em suas críticas a influencia inglesa na cultura brasileira e as expressões inglesas que se expressavam no jogo (football, penalty, goal). Lima Barreto foi um dos primeiros a ver que o futebol poderia ser usado pelas elites como ópio do povo. Lima Barreto entendia que as oligarquias poderiam usar o futebol, devido a crescente popularização, como ferramenta de distração da população diante das enormes desigualdades sociais.

Até mesmo o movimento operário da época criticava o futebol, pois classificavam o esporte como burguês, e que estava a serviço da dominação e que poderia distrair e desarticular o movimento proletariado, sendo o futebol um elemento a ser combatido.

2.3.1 Futebol Popular: Negros, Mestiços, Pobres e Operários

Mesmo com a abolição recente da escravidão, negros e mestiços foram abandonados à própria sorte e sempre estiveram à margem da sociedade. Com a popularização do futebol, foi possível que os mesmos pudessem inserir-se em alguma atividade, que pudessem dar algum retorno financeiro, diante das dificuldades de inserção no novo mercado, baseado no trabalho assalariado. Apesar

do fim da escravidão e de teoricamente não existir nenhuma formal legal de discriminação, o racismo permaneceu.

Aquino (2002) cita o médico baiano Raymundo Nina Rodrigues como um dos defensores da tese que brancos eram superiores aos negros, mestiços e indígenas, e que a miscigenação deveria ser evitada, pois esse grupo era considerado inferior e fraco. Essa teoria da superioridade branca seguia as correntes de pensamento nos países centrais do capitalismo, e era uma das armas para justificar as intervenções imperialistas nos países periféricos. Além da suavização do preconceito no Brasil, através de obras como a de Gilberto Freyre, como Casa Grande e Senzala, onde há um mito de certa harmonia racial entre escravos e colono português, e que isso daria uma característica mais branda a esse racismo comparado com o dos Estados Unidos.

Mas voltando a questão do preconceito no futebol, a disputa do primeiro campeonato no Rio de Janeiro data do ano de 1906, e já existiam movimentos por partes das elites que tentavam evitar o crescente ingresso de jogadores negros e pobres. O objetivo era manter o esporte restrito às elites e conservar o caráter amador do esporte.

Essa resistência à presença de negros e mulatos foi acompanhada por uma exclusão na vida da república. Não era necessário tocar no assunto racismo para excluir negros, já que a grande maioria de pobres era composta por negros. A entrada de negros e mestiços realmente se deu pelo talento que possuíam e também devido ao aumento do nível de competitividade do futebol, exigindo cada vez mais dos clubes melhores resultados em campo. De acordo com Santos:

Um dado é significativo nesta tese: dos mais de cinquenta estatutos de fundação de clubes, proposto para aprovação nas duas primeiras décadas do século XX, apenas cinco faziam referência à exclusão das pessoas de cor. O próprio Fluminense Futebol Clube, acusado de ser um clube essencialmente racista, nos seus primeiros anos, não possuía nenhuma referência à cor no seu estatuto. (2009, p. 202)

Um artifício usado para evitar a entrada de negros e pobres era condicionar a aprovação de conselheiros dos clubes. Normalmente em seus estatutos, existiam regras claras que não permitiam a entrada de trabalhadores braçais, pois não possuíam adequados códigos de valores. Apenas rapazes de famílias abastadas, e de boa índole que eram permitidos nesses espaços.

O estatuto da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Athleticos) deixava claro que tipos de pessoas poderiam ser inscritos pelos clubes. Alguns clubes, apesar de seus próprios estatutos não permitirem, inscreviam alguns jogadores negros e pobres de destaque em seus times. Membros das classes dirigentes introduziram trechos de modo a impedir o ingresso. Um exemplo de item introduzido na AMEA foi o que falava sobre indicação do nome completo e por extenso do atleta; a residência atual e a anterior; a profissão exercida atualmente e a anteriormente e o que era praticado. Segundo Santos:

Outro trecho significativo, no Capítulo 9, "Da inscrição dos amadores, suas formalidades e requisitos", são alguns dos itens referentes ao artigo 65, "não poderão, porém, ser inscritos":

Item 1 - os que a troco de dinheiro tenham tomado parte em festas, partidas, campeonatos, ou concursos esportivos de qualquer natureza.

Item 2 - os que tirem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando-se como tal a em que predomine o esforço physico;...

Item 4 - os que se entregarem à exploração de jogos de azar, ou viverem de sua prática;...

Item 7 - os que não saibam ler ou escrever corretamente;...

Item 9 - os que habitualmente não tenham profissão ou empregos certos;

Item 10 - os que exerçam profissão ou emprego subalterno, tais como contínuo, servente, engraxate, motorista (2009, p. 204-205).

A criação desses critérios de proibição de jogadores de origem popular, pela AMEA, aconteceu por conta do título do Clube de Regatas Vasco da Gama no Campeonato Carioca de 1923 (**ANEXO H - Vasco campeão carioca de 1923**). O Vasco é um dos pioneiros na admissão de negros e mulatos em seu plantel. Era composto também por trabalhadores que eram contratados por comerciantes portugueses, mas na prática se dedicavam mais as atividades esportivas, quase configurando um sistema profissional de futebol. O amadorismo era predominante no futebol e, segundo Correa Junior (2008), por estarem com a técnica, com a força física e fôlego apurador, os jogadores ganhavam com muita facilidade dos adversários amadores.

O pagamento dos chamados "bichos" era prática comum nos clubes formados por atletas de clubes populares, como o Vasco da Gama e Bangu. Esses benefícios visavam incentivar e ajudar os segmentos menos abastados da sociedade, nos jogos contra os grandes clubes como Fluminense, Flamengo, Botafogo e América. Frequentemente tal regulamento era burlado, e os grandes clubes consideravam impensável qualquer forma de pagamento aos jogadores.

Luis Fernandes em prefácio à 4ª edição do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mário Filho afirma que:

[...] polarização se daria entre a defesa de formatos amadores ou semiprofissionais para o esporte. Ocorre, no entanto, que a polêmica em torno do amadorismo está diretamente ligada à questão da origem social dos participantes do futebol. (2003, p. 12)

A resistência também se mantinha na imprensa, que criticava a seleção brasileira que disputaria o campeonato Sul-Americano, no Uruguai, no ano de 1919, pois possuía negros e mulatos, em especial um de sobrenome alemão, Arthur Friedenreich (**ANEXO I - Arthur Friedenreich com a camisa da seleção brasileira**) Rui Barbosa considerava esse selecionado uma corja de vagabundos e malandros.

O mesmo Friedenreich possivelmente foi o maior ídolo do futebol na época. Ele marcou o gol do título em cima da Seleção Uruguaia no Sul-americano de 1919. Mas, segundo Filho (2003) sua popularidade se devia mais ao fato de ser mulato, embora não quisesse sê-lo, do que ao gol marcado. O fato de se destacar na seleção e possuir a "a cor dos mais pobres" passou uma visão de que o futebol poderia ser de todas as cores, de todas as classes.

A participação de negros e trabalhadores na década de 20 já era um processo difícil de ser revertido, devido a popularização, mas era bastante questionável. A entrada de negros, mulatos e trabalhadores braçais no futebol era tão abominada que o próprio presidente Epitácio Pessoa queria "limpar" o selecionado nacional. Aquino (2012) cita a recomendação presidencial a Confederação Brasileira de Desportes para que não fossem convocados jogadores negros e mestiços. O próprio Friedenreich não foi convocado para o Sul-americano de 1921. De acordo com Santos (2009), "Numa sociedade ainda muito marcada pelo ranço escravocrata, a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização, em seu sentido pejorativo, dos nobres ideais que o esporte trazia em si e que deveriam ser preservados."

O mesmo projeto de Brasil moderno, sem as classes populares, se refletia na construção do esporte bretão no país. Conforme afirmam Santos:

O esforço em excluir e estigmatizar as camadas populares era motivado pelo objetivo de gerar uma possível tranquilidade para as classes dirigentes. Tal fato se dava na medida em que se reforçava a coesão do grupo, excluía-se aqueles que eram diferentes e, fundamentalmente, tornava-se e

modelava as práticas simbólicas e reais dos grupos dirigentes. Os negros foram, indubitavelmente, aqueles que mais sofreram com o processo, pois a cor da pele era uma marca impossível de ser superada (2009, p. 198-199).

Ressaltando que a exclusão do negro foi, em elevado nível, acompanhada de uma exclusão social. Os grupos mais abastados não precisavam falar de racismo e preconceito para excluïrem negros e mestiços.

2.2.2. O Futebol operário como espaço para entrada de negros e pobres

O país passava pelo processo de modernidade, a partir dos avanços nos transportes, energia elétrica, da urbanização, e do começo da industrialização, porem, a inclusão não acompanhou processo modernizador. Os que estavam a margem desse Estado, a grande maioria da população continuava a viver no ostracismo social.

A fábrica se tornou um espaço para a entrada de negros e pobres no futebol. Justamente pobres, negros e imigrantes faziam parte da massa operaria das fábricas, e o futebol permitia aos trabalhadores um espaço de efetivação de suas práticas recreativas e lhe permitiam realizar pelas ruas suas próprias festas e jogos. As fábricas, como as ruas e várzeas, fizeram parte do processo de democratização e popularização do futebol.

No entanto, críticas também vinham do movimento operário, que segundo Correia Junior (2008), afirmavam que o esporte era visto como atividade burguesa a serviço da dominação de classe e da desarticulação do movimento sindical, e este seria mais um produto da atividade burguesa a ser combatido. Os anarquistas e o Partido Comunista Brasileiro (PCB) surgiam como principais forças do movimento sindical brasileiro, no início do século XX, e por mais que as várzeas e as fabricas tenham ajudado a democratizar e popularizar o futebol, os mesmo rejeitavam a pratica.

Os argumentos dos militantes anarquistas concentravam-se na inutilidade de sua prática, na sua origem burguesa e na anulação do intelecto pelo físico, que resultava em uma paixão exacerbada, que levava ao predomínio das emoções vulgares sobre o pensamento racional, resultando em violência que atingia praticantes e torcedores. De tal forma que o jornal paulista, *A Plebe*, considerava como três, "os meios infalíveis dos ricos exploradores para tornarem a classe operária uma massa bruta": o esporte, o padre e a política (STÉDILE, 2013, p. 21).

Os clubes organizados nas fábricas recebiam muito mais críticas contundentes, em especial as equipes que times diretamente estavam promovendo o nome da própria empresa. Porém, Stédile (2013) menciona que conforme o futebol se torna cada vez mais de interesse dos operários e passa a fazer parte de sua cultura, logo os anarquistas vão percebendo a ineficiência desse discurso contra o futebol e reconhecem e incorporaram essa prática esportiva. Stédile afirma que,

Os comunistas, que se organizam no país principalmente a partir de 1922, com a fundação do Partido Comunista - Seção Brasileira (PCB), também demonstram, inicialmente, hostilidade ao esporte, mas mudam sua política com mais rapidez do que os anarquistas. Os comunistas no Rio Grande do Sul, por exemplo, organizaram uma Federação de Esportes Proletários. Um de seus principais dirigentes fora Jacob Koutzii, responsável pela organização da Juventude Comunista. Segundo depoimento de Eloy Martins, Koutzii "dificilmente passava um domingo sem ir aos jogos de futebol de times operários de empresas industriais" (2013, p. 22).

Retornando a questão do campeonato carioca, a Liga Metropolitana do Futebol proibia a inscrição de jogadores "de cor", e no campeonato carioca de 1906, a diretoria do Bangu não aceitou a proibição da inscrição de jogadores negros. O Bangu era clube composto por operários e tinha em seu elenco o jogador negro Francisco Carregal, o clube retirou se da Liga e só retornou após cinco anos.

Existiam muitos casos discriminatórios no futebol brasileiro, citando o exemplo do Fluminense F.C. que possui o apelido de Pó-de-Arroz, conhecido até os dias de hoje. O apelido se deve, pois, no ano de 1914, o jogador mulato Carlos Alberto (**ANEXO J - Jogador Carlos Alberto**) utilizava o pó para disfarçar sua "morenidade", querendo se passar por branco. Com o passar do jogo, o suor descia, escorria por sua pele e denunciava a sua verdadeira cor. O jogo em questão foi contra o América, grande rival da época, e a torcida americana não perdoou e passou a xinga-lo de pó de arroz. O apelido acabou ficando ligado ao Fluminense

A equipe do Bangu A.C (**ANEXO L - Bangu A.C**) é um grande exemplo da composição de negros e operários em seu time, e pode ser considerado um dos mais famosos times operários do Brasil. Foi fundado em 1904 por funcionários da Companhia Progresso Industrial. Semelhante a fundação dos clubes da elite, o Bangu também foi introduzido por ingleses, porém, o fato da fábrica ser localizada numa região afastada do centro do Rio, o deixava longe da comunidade britânica, e facilitou para que negros e operários pudessem participar da prática, já que era uma

região predominantemente composta pelos segmentos populares. Não havia muita mão-de-obra inglesa, então esses mesmos que trabalhavam na fábrica foram chamados para compor a equipe. Segundo Stédile:

Por conta disso, o Bangu é considerado precursor da democratização do acesso ao futebol. Parte dessa referência se deve ao jornalista Mário Filho, em sua obra, *O Negro no futebol brasileiro*, escrita em 1947. Para o autor, esse clube de fábrica colocava os operários em igualdade com os mestres ingleses. O Bangu seria democrático não apenas dentro de campo, mas também fora dele, na medida em que abria as portas do seu estádio para todos, onde se confundiam freqüentadores da arquibancada e da geral. (2013, p. 23)

Segundo Mario Filho (2003), O operário passa a ter um regime diferenciado de trabalho, em comparação aos demais. Além de sair uma hora antes dos demais empregados para treinar no campo ao lado da fábrica, estes operários recebiam outros privilégios, como um horário de trabalho mais flexível, onde pudesse se dedicar aos treinos da equipe. Esse regime diferenciado possibilitou uma melhor preparação da equipe para o campeonato. Era um semi-profissionalismo comparado com o regime amador que ainda imperava nos grandes clubes. A melhor preparação deu ao Bangu o título carioca de 1933. Segundo Stédile,

Logo, a empresa perceberia nessa relação um instrumento para ganhar a lealdade de seus trabalhadores, e que era expressa de forma paternalista, como no abono das faltas dos operários no dia seguinte à conquista do título carioca de 1933. Por isso, também, o interesse da empresa em subsidiar equipamentos e doar o campo para o time (2013, p. 24).

A industrialização fez parte do movimento de modernização do país e o futebol faz dessa mudança, cultura que se pretendia implantar no Brasil. Segundo Santos (2009), o futebol era diferente das práticas esportivas que surgiam no período, pois tinha capacidade de mobilizar múltiplas dimensões simbólicas e reais, e transformaram de alguma forma a sociedade. As tensões que existiam entre os grupos sociais serviram de impulso para as transformações no país

2.4 O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO

Nesse período, importantes mudanças políticas, sociais e econômicas estavam em curso, principalmente falando da Revolução de 30, que levou Getúlio Vargas ao poder. O país intensifica seu processo de consolidação no contexto do

capitalismo mundial, agora deixando de ter um caráter meramente agrário-exportador, e passando a desenvolver-se industrialmente. O processo de urbanização crescia, junto com a migração para os grandes centros urbanos e esse aumento populacional, em virtude de todos esses processos citados, também acarretava na necessidade de adequação da cidade às essas novas demandas. Como infraestrutura, postos de trabalho, serviços, moradia, além de opções de lazer e distração. Segundo Aquino (2002), esse novo público necessitava de distrações, daí o grande atrativo despertado pelo futebol e pela música. Futebol, samba e carnaval passaram a ser incentivados pelos governantes, já que o objetivo anterior de branqueamento e europeização vinha falhando.

O futebol profissional ganha cada vez mais força a medida que cresce em popularidade, arrebanhando novos adeptos da prática e em quantidade de torcedores. Aumenta assim a rivalidade entre equipes e passando a exigir dos clubes montagem de plantéis cada vez mais fortes. A geração de receitas por conta do aumento de número de torcedores nos estádios passa ir de encontro ao que era pregado ao esporte amador. Gay afirma que:

A defesa contra os esportes democráticos era o culto ao amadorismo [...] A medida que enfrentava massas crescentes de espectadores a urrar por vitórias, as equipes tentavam satisfazê-los, buscando os serviços dos atletas mais competentes que o dinheiro pudesse comprar. Trabalhadores tinha que ser reembolsados pelo tempo que perdiam no trabalho, e, gastando um bocado de dinheiro, clubes rivais tentavam seduzir os melhores jogadores de seus concorrentes ou corrompe-los para jogar abaixo suas possibilidades (apud CORREA JUNIOR, 2008, p.30).

À medida que o desejo pelas vitórias aumentava, formas de burlar o amadorismo surgem, por volta de 1915, como o pagamento de gratificações aos jogadores. As leis do amadorismo impediam a dedicação exclusiva ao futebol, então o pagamento de "bichos"⁵ passa ser um constante. O chamado amadorismo marrom foi uma estratégia usada pelos clubes de manter os jogadores na equipe e aliciar outros que se destacavam em outros times.

Outro acontecimento que pressionava o futebol a se tornar profissional era o constante êxodo de jogadores para o exterior. Na Europa, no Uruguai e na Argentina, o futebol já era profissional, e os jogadores partiam rumo a essas regiões já que eram atraídos por grandes salários e premiações pagas por essas equipes

⁵ Era o pagamento de gratificações a toda equipe ou a determinados jogadores por uma vitória obtida, por um gol conquistado ou por um empate difícil

estrangeiras. Pode ser citado o caso dos jogadores Jaguaribe e Fausto, do Vasco da Gama, que em uma excursão da equipe pela Europa em 1931, receberam ofertas para jogar na equipe do Barcelona, e acabaram não retornando com a equipe após a excursão.

A regulamentação da profissão jogador de futebol se efetiva no ano 1931, no governo Vargas. A profissão de jogador de futebol, como outras opções, sendo elas ou não da esfera esportiva, passam a ser regulamentadas pela nova legislação trabalhista. No caso do futebol, será ratificada quando é criado o Ministério do Trabalho em 1933 e com o surgimento da Liga de Futebol Carioca. Segundo Fernandes:

Após o advento do profissionalismo e legitimação do pagamento de salários aos atletas a estratificação da modalidade vai ocorrendo de tal maneira que a "[...] democratização da prática do futebol, materializada na ascensão de jogadores negros e mestiços, permitiu que este esporte viesse ocupar posição central na construção da identidade nacional" (*apud* SILVA, 2011, p. 41).

Essa é uma medida de uma série que serão executadas no Governo do Presidente Vargas, medidas essas de valorização do trabalho e do crescimento do Estado como regulador da vida cotidiana. De acordo com Aquino,

Era o Estado forte, com hipertrofia dos poderes presidenciais, cada vez mais presentes na vida da sociedade brasileira. Dentre essas modificações, sobressaíam o interesse e o empenho em regulamentar as relações de trabalho - não mais considerando os problemas do trabalhador uma questão de polícia, mas sim, um problema de competência do Estado. (2002, p. 48)

2.4.1 Período Vargas: Consolidação da profissionalização e o início do uso político

Na década de 1930, Vargas chega a Presidência da República, e o Brasil passa a presenciar um série de mudanças de ordem econômica, política, cultural e social. Com o progressivo aumento na interferência em todas as esferas da vida, o governo se utiliza do rádio, da música popular e do futebol como instrumento a serviço da política e da ideologia estatal.

A ascensão e popularidade de Vargas também foram possíveis por conta do profundo descontentamento com as velhas oligarquias que não conseguiram dar um "ar" mais moderno a República, mantendo-a ainda com muitos resquícios do passado escravocrata, com sua economia ainda dependente das plantações de café. A crise de 1929 agravou ainda mais as condições econômicas e o quadro de descontentamento.

A necessidade de dar unicidade ao vasto território brasileiro, marcado por grandes conflitos e diferenças regionais, encontrou no futebol, e também na música, em especial o samba, as bases para formar uma identidade nacional. Música e futebol crescia junto às camadas populares, e foram elevados a símbolos do que era ser brasileiro.

Em relação aos esportes em geral, a década de 1930 representou uma mudança nas concepções sobre a atividade esportiva no Brasil, no que visava associar educação física e o civismo. Para Correa Junior (2008), Vargas se utilizava dos eventos cívicos, quando fazia comícios no estádio do Vasco da Gama ou do Pacaembu (**ANEXO M - Vargas desfilando em carro aberto no estádio de São Januário**), para promover atividades esportivas, e também anunciava alguma lei ou medida em prol dos trabalhadores.

A educação física se populariza nos estabelecimentos de ensino secundário e a mesma tinha objetivo de desenvolver o corpo e o espírito do cidadão, de modo que pudesse formar um homem físico e moralmente sadio, sabido de seu valor e de suas responsabilidades, além de preparar a mulher para as atividades do lar, e tornar cada cidadão apto a contribuir na economia e também na guerra. Era visão militar caminhando junto aos acontecimentos da época, que eram as duas Guerras Mundiais.

Segundo Correa Junior,

A prática desportiva seria também um meio para a superação de um problema, de uma "falha" na formação nacional do brasileiro, sua fragilidade física decorrente de sua fragilidade racial. A chamada eugenia. A produção de um corpo sadio, treinado nas técnicas da moderna educação física e forjado na prática desportiva permitiria, ao longo do tempo, o aperfeiçoamento da nossa "raça". O hábito dos esportes adquirido na infância criaria uma nação saudável com corpos fortes predispostos ao trabalho. A beleza eugênica dos corpos atléticos passou a fazer parte do imaginário produzido pelo estado varguista (2008, p. 36).

A Reforma de Francisco Campos, então Ministro da Educação, introduziu a obrigatoriedade da prática de exercícios físicos no ensino secundário de todos os Estados da Federação, sendo consolidada a prática esportiva não apenas como lazer, mas como competição voltada para o entretenimento das massas urbanas. As multidões crescentes que iam aos eventos esportivos promovidos pelos clubes atraíam as atenções dos jornais, que cada vez mais passavam a cobrir essas disputas. A importância dos esportes era tanta que até espaços exclusivos nos jornais, para as coberturas, como o caderno de esportes, foram criados. Ainda sobre a importância das disputas esportivas e a cobertura da rádio e dos jornais, Correa Júnior afirma que:

Os meios de comunicação se apropriavam cada vez mais do consumo de informações sobre os campeonatos e disputas esportivas que eram veiculadas pelos principais jornais em circulação que desde a década de 1920 tinha uma seção esportiva, demonstrando enfim o surgimento de um incipiente mercado para o esporte no Brasil. (2008, p. 35)

O esporte passa a ser visto como um elemento legitimador do Estado e que iria dar a possibilidade da construção da identidade brasileira, tendo como linha de frente o futebol.

Na ditadura Vargas, autoritarismo⁶ e nacionalismo⁷ constituíam-se nos eixos fundamentais da política de Estado. O espírito nacional foi potencializado atuando diretamente sobre o campo cultural, em especial o esportivo. No campo cultural, esse período marca a ascensão do samba e do futebol como elementos definidores da identidade nacional, e os mesmos se tornam os principais espetáculos populares, tendo meio que uma fusão entre ambos quando o futebol aparece nas marchas de carnaval e alguns anos depois os instrumentos carnavalescos, como o surdo e tamborim, embalam os gritos de incentivos das torcidas aos seus clubes.

A intervenção por meio da lei só se dará no ano 1941, mas acontecimentos ao longo do governo motivaram a intervenção, principalmente por conta das disputas e interferências de paulista e cariocas na Confederação Brasileira de Desportos (CBD) no que tange as convocações para as Copas do Mundo de 1930 e 1934. Nessa época, São Paulo (capital econômica) e Rio de Janeiro (capital política e cultural) já

⁶ O Autoritarismo, diferentemente do Totalitarismo, tende tentar forçar o povo à apatia, à obediência passiva e à despolitização, de modo a seguir os ideais colocados pelo Estado.

⁷ Tese que se traduziu numa política cujos fundamentos básicos foram à industrialização e o avanço tecnológico; a interferência do Estado na economia, com o objetivo de dirigir e nortear o desenvolvimento do país; e a participação direta do Estado no processo de industrialização.

nutriam grande disputa pelos espaços de decisão no país, e essa rivalidade eclodiu na revolução constitucionista 1932⁸. A rivalidade foi tanta que não foi possível montar a melhor seleção possível. Os melhores jogadores do futebol brasileiro atuavam em São Paulo e devido a divergências entre Confederação Brasileira de Deportes (CBD) e Associação Paulista de Esportes Atléticos, não puderam ser convocados

Na Copa de 1930, realizada no Uruguai, a rivalidade entre cariocas e paulistas não permitiu a montagem de uma seleção forte para a disputa do mundial, sendo a seleção eliminada na primeira fase.

2.4.2 Intervenção varguista nas Copas 1934 e 1938

Na Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália, Getúlio Vargas já passa a ter maior influência na seleção, visto que a crescente popularização do futebol poderia servir de arma propagação nacionalista e internacional. A delegação foi chefiada por Lourival Fontes, Jornalista e Escritor, diretor do departamento de difusão cultural, que apoiava o Fascismo Italiano. O selecionado foi eliminado na primeira fase da copa, tendo disputado apenas um jogo, e com essa eliminação precoce aproveitou para fazer uma excursão pela Europa e fazer propaganda do país de seu ainda maior símbolo no período, o café. Após a excursão, apesar da seleção já ter certo prestígio, a recepção não foi das mais animadas.

A partir dos anos 30, o futebol entra no processo de consolidação. O esporte já era um fenômeno junto às massas, e servia também como ferramenta que poderia ser usado para minimizar, ou até mesmo desviar a atenção, dos problemas políticos, econômicos e sociais advindos da própria herança escravocrata, e da acelerada implementação do modelo industrial, o capitalismo brasileiro. Conforme Pereira:

Essa intervenção junto à seleção era uma das demonstrações que Getúlio desejava desarticular as oligarquias, herança da República Velha, das grandes decisões no país. Cristalizador dos ideais de harmonia social e furor nacionalista que eram propagandeados pelo seu governo, após a implantação do Estado Novo, o futebol servia como um grande aliado na disseminação do projeto político que planejava implementar - intensificando

⁸ Movimento armado que tinha como objetivo a derrubada do governo provisório de Getúlio Vargas e a promulgação de uma nova constituição

e dando um sentido mais claro aos interesses que, desde seus primeiros anos, as autoridades governamentais manifestavam em relação ao jogo (*apud* AQUINO, 2002, p. 59).

A Copa do Mundo de 1938, realizada na França, teve grande apoio do Estado Novo, que ajudou diminuir as rivalidades existentes entre as federações de Rio e São Paulo, quando da convocação de jogadores para Seleção. Puderam ser chamados os melhores jogadores dos clubes desses Estados como Domingos da Guia e Leônidas da Silva. De acordo com Drumond,

[...] a Copa do Mundo de 1938, na França, marcaria a aproximação do "Pai dos Pobres" com o esporte mais popular do país. Além de conceder uma alta subvenção à delegação brasileira para as despesas com o campeonato, Getúlio teve sua figura ligada à equipe brasileira através de sua filha Alzira Vargas, madrinha da seleção. (2009, p.230)

O Brasil contava com sua força máxima, pois negros, mestiços e brancos puderam integrar a seleção. Essa miscigenação da equipe foi vista no país como um retrato das misturas raciais, da democracia racial que se pensava existir. Servia perfeitamente aos ideais ufanistas e da propaganda de harmonia social, que Gilberto Freyre, uns dos principais teóricos da época, ajudava a divulgar.

A excelente campanha na Copa culminou num terceiro lugar, posição inédita até então. O Governo pode colher os frutos, pois o grande desempenho da equipe alimentava o orgulho cívico do povo. Além do desempenho da equipe, o jogador Leônidas da Silva (**ANEXO N - Leônidas em treinamento**) se tornou artilheiro da Copa.

Leônidas é um caso bem interessante do começo da valorização da mestiçagem e da "união" das raças. O jogador já vinha se destacando pela seleção brasileira desde o conquista Copa Rio Branco de 1932. A seleção venceu o Bicampeão olímpico (1924 e 1928) e campeão mundial (1930) Uruguai.

A imprensa e os aparelhos de rádio difusão tiveram importante papel na motivação e no clima de euforia, pois as transmissões chegavam a quase todos os cantos do Brasil. Cronistas esportivos como Mário Filho, do Rio e Thomaz Mazzoni, da Gazeta de São Paulo. Mazzoni era um defensor e deixava claro em suas crônicas que os esportes, em especial o futebol, não poderia ficar desvinculado dos acontecimentos do país. Consta em Negreiros (2003):

Como cronista esportivo muito atento às questões de sua época, Thomaz Mazzoni apresenta: *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, em 1939. O livro é uma coletânea de artigos publicados pelo autor no jornal *A Gazeta*, e neles é possível verificar que a intervenção do Estado nas questões do futebol aconteceu com o apoio de vozes, como o próprio Thomaz Mazzoni. Inclusive, frases, expressões e palavras presentes nos discursos dos dirigentes do Estado Novo, estão também presentes nas crônicas de Mazzoni. Ele não se conformava com o que denominava "desorganização do futebol brasileiro" (desorganização que, segundo o cronista, também marcava a sociedade brasileira). (2003, p.125)

A mesma crítica Mazzoni fazia aos clubes de futebol que apenas defendiam seus próprios interesses. Essas críticas iam na mesma direção do discurso de Vargas em relação aos regionalismos, oriundos ainda da velha política do "café com leite" que atrapalham o ideal de unicidade do país.

Pensando para o início do Governo, Vargas mostrava interesse em propagar os esportes através da juventude. E essa nova juventude é que formaria a imagem do homem brasileiro e, segundo Drummond (2009), seria a preparação para a chamada "raça brasileira", e essa raça seria aperfeiçoada através dos esportes. Os esportes, como o futebol, se mostravam como forma de levar a ideologia estadonovista até massas, de modo que serviria como um elo com governo. Para Souza:

O debate em torno da importância dos esportes com fins político-ideológicos, como uma forma de auto-afirmação nacional, já estava ocorrendo na Europa desde o final da Primeira Guerra Mundial em países como a Itália e a Alemanha.² No período entre-guerras (1918-1939), os esportes, assim como a moderna comunicação de massa, como imprensa, cinema, rádio, foram significativos em transformar os símbolos nacionais em parte da vida dos indivíduos comuns, rompendo as divisões que existiam entre o privado e local e o público e nacional. (2009, s/p)

Uma das primeiras medidas de controle dos esportes pelo estado foi através da aprovação de um Decreto-lei 526, de 1º de julho de 1938, que criava, dentro do Ministério da Educação e Saúde, o Conselho Nacional de Cultura. Era um órgão que dentro dele existiam objetivos relacionados ao desenvolvimento da cultura, mas também fazia parte desse mesmo órgão a propaganda do regime em prol das práticas patrióticas. Esporte e nacionalismo caminhavam juntos em prol da unidade

nacional⁹. Com a chegada do Estado Novo, "o aparelhamento da produção cultural foi se centralizando em torno da máquina do governo." (DRUMOND, 2009, p.239)

A regulamentação chega finalmente através de Vargas, no ano de 1941. Foi publicado através do decreto-lei nº 3199 que criava o Conselho Nacional de Esportes (CND), vinculado ao ministério da Educação e Saúde. O CND tinha como função orientar, fiscalizar e incentivar a prática de esportes em todo país.

Talvez todo esse esforço de propaganda através dos esportes tenha sido influenciado pelos regimes de Mussolini e de Hitler, uma vez que esses regimes tiveram uma estreita ligação com o esporte e a sua utilização como propaganda política. Propaganda política que exaltava o nacionalismo e preparava a nação para a Segunda Guerra, e os esportes eram funcionais a esse propósito, pois funcionavam como mediadores entre os indivíduos e a identidade.

Todo esse esforço do aparato estatal, para utilizar o futebol em prol do interesse nacional, passa a impressão de que foi imposto sem ter maiores conflitos com as massas. É verdade que o interesse estatal era unir todas as diferenças culturais existentes e transformá-las numa única e homogênea identidade nacional, tendo como imagem o brasileiro trabalhador idealizado pelas leis trabalhistas, mas segundo Hosbsbawn:

as nações e a identidade nacional são fenômenos duais, construídos basicamente pelo alto, mas que, no entanto, "não podem ser compreendidas sem ser analisadas de baixo, ou seja, em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, as quais não são necessariamente nacionais e menos ainda nacionalistas"(apud SOUZA, 2009).

Com o sucesso do selecionado nacional, o Brasil chegou a ser candidato a Copa de 1942, porém, com a eclosão da Segunda Guerra, o sonho teve que ser adiado para o ano de 1950.

2.4.3 Pós Segunda Guerra: Década de 50, início de 60 e a guerra fria

⁹ Estimular esse sentimento comum de pertencimento a uma comunidade nacional, diante das diferenças sociais, raciais, econômicas, geográficas, foi importante para o fortalecimento de uma política mais centralista, na qual as necessidades de todos os membros da federação seriam atendidas, a partir de diretrizes do governo federal.

Em fins da década de 40, a Europa estava devastada pela Guerra e os olhos estavam voltados para as Américas, em especial o Brasil, por conta do desempenho na última copa.

O Brasil já possuía grandes ídolos da bola como Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto. Esses jogadores ascendem no mesmo momento em que o samba, o candomblé e a capoeira começam a serem aceitos e incorporados pela cultura nacional. Essa "aceitação" dessas atividades populares se deu no momento do avanço do capitalismo no Brasil, avanço esse que se inicia na Era Vargas. No capitalismo, a cultura é tida como um produto, objeto de consumo, e quando está institucionalizada, tende a se esgotar. Citando a institucionalização, podemos abordar questões sobre a profissionalização, pagamento de salários, transferências de jogadores através do pagamento de altas cifras, a diminuição dos espaços para a prática de futebol (processo de urbanização das cidades e redução dos terrenos), entre outros.

O futebol deixa de ser praticado livremente, passa-se a exigir treinamento, investimentos em atletas, almejam-se lucros acima de tudo. Economistas que tem aplicações em bolsas de valores esperam resultados positivos sempre e vão fazer de tudo para alavancar seus investimentos. Assim se faz no futebol de resultados onde não importa a beleza do espetáculo, desde que seja eficiente. A vitória, os títulos como objetivo único e final (CORREA JUNIOR, 2008, p.15).

O avanço capitalista sobre as culturas populares encontra no aparato estatal a possibilidade de apropriar dessas manifestações do povo, tendo seus valores alterados.

A expansão do mercado capitalista, a sua reorganização monopolista e transnacional tende a integrar todos os países, todas as regiões de cada país, num sistema homogêneo. Este processo 'estandardiza' o gosto e substitui a louça ou a roupa de cada comunidade por produtos industriais padronizados, os seus hábitos particulares por outros de acordo com um sistema centralizado, as suas crenças e representações pela iconografia dos meios de comunicação de massas: o mercado da praça cede o seu lugar ao supermercado, a festa indígena para o espetáculo comercial. (CANCLINI, 1983, p.65)

O ano da realização da Copa coincidiu com período de eleições para a presidência e para os estados da federação. Os candidatos buscavam a todo o momento usar o futebol para ampliar seu prestígio. O desempenho esportivo da seleção vinha sendo excelente na copa e os políticos se aproveitavam disso. A seleção, na ocasião da grande final contra o Uruguai, ficou concentrada em São

Januário. O local virou ponto de concentração de políticos e dirigentes em busca de promoção pessoal.

Na grande finalíssima, a seleção saiu derrotada por dois a um. Auto-estima nacional vai em baixa com a derrota do selecionado e o sentimento de inferioridade diante das nações volta a aflorar.

Foi nessa Copa que o goleiro negro Barbosa (**ANEXO O - Barbosa após levar o segundo gol da seleção uruguaia**) foi considerado o maior culpado da derrota brasileira e segundo Mario Filho (2003), a década de 50 teve momentos tensos na relação sociedade e negros no futebol, com os casos das Copas do Mundo de futebol em 50 e 54, pois os jogadores de origem negra foram responsabilizados, por torcedores e imprensa, pelos fracassos da seleção brasileira.

Os reflexos da derrota foram tão grandes que, segundo Aquino (2002), apenas dois jogadores que estiveram em 1950 - Bauer e Baltazar - foram convocados para a Copa de 54.

Porém os cultos aos símbolos nacionais não foram esquecidos, mas sim, intensificados.

[...] a preparação passou a incluir o culto à bandeira e a obrigatoriedade de cantar o hino nacional. Os jogadores foram orientados a serem verdadeiros "Obdúlios Varela", cuja a fibra em 1950 fora um exemplo a ser imitado. Não mais "jogadores desfibrados", mas sim "guerreiros" dispostos a tudo. Era a "pátria em chuteiras", chegando-se até invocar o exemplo dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), inclusive recordando os que morreram na Segunda Guerra Mundial [...] (AQUINO, 2002, p.74)

Nas quartas-de-final, a seleção fora eliminada pela Equipe Húngara, comandada pelo craque Puskas.

Período esse também marcado pelo projeto modernizador de Juscelino Kubitschek, que projetava o desenvolvimento da nação em cinco anos, o chamado Cinquenta Anos em Cinco. Abertura do país para entrada maciça do capital privado internacional e focado na indústria automobilística. Uma renovação no país que estava passando do rural para o urbano. "Nas artes plásticas, nas letras, na música, na televisão, em suma, em todos os segmentos da sociedade brasileira havia uma febre de renovação, uma forte esperança no amanhã, uma firme crença no Brasil" (AQUINO, 2002, p.77). O sucesso econômico oriundo do governo JK se reflete nas conquistas esportivas, com as conquistas de alguns atletas, como Maria Esther Bueno, que conquistou o título nas quadras de tênis de Wimbledon, e Éder Jofre,

nos ringues de boxe, que conquista o título mundial. E o futebol também iria por esse mesmo caminho rumo ao título da Copa.

A formação da equipe para a disputa da copa gerava grandes expectativas no torcedor brasileiro, apesar de certa desconfiança que ainda pairava por conta dos vexames em 1950 e 1954, já que os jogadores que tinham sido convocados já eram consagrados nos clubes que atuavam, como por exemplo, Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Didi, Garrincha e um jovem de 17 anos chamado de Pelé.

Em diversos momentos, as seleções de futebol formadas foram utilizadas pelo governo como instrumento, que eram capazes de cooptar as massas de vida a popularidade do futebol, de modo a elevar as bandeiras políticas dos países e de seus regimes. Tanto o regime capitalista quanto socialista considerava o sucesso esportivo peça importante da propaganda. Essas vitórias no campo esportivo, podendo ser vistas em períodos de olimpíadas, eram mostradas como conquista da supremacia de determinado regime político. Duelos entre EUA e URSS nas olimpíadas eram bem comuns.

A seleção verde e amarelo deu show nas terras suecas, comandada por Pelé e Garrincha. O Brasil fez 5x2 nos donos da casa. O bom clima que o país vivia naquele momento de crescimento econômico era abertamente relacionado com os êxitos obtidos na referida competição internacional. Mas segundo Correa Junior (2008), a seleção deixou orgulhoso todo um povo curando cicatrizes de vexames esportivos anteriores e fazendo esquecer os problemas que nunca iriam deixar de existir e que agravavam mesmo com desenvolvimentismo de Kubitschek, já que o desenvolvimento capitalista aprofundava as desigualdades sociais.

Pelé, com o destaque na copa, passa a ser utilizado como um símbolo Brasileiro. Um símbolo da possibilidade de mobilidade social do Brasil moderno, pelo fato de ser negro, pobre, disciplinado e trabalhador. Souza afirma que,

Pelé simbolizou como ninguém o ideal de brasileiro forjado na segunda metade do século XX. Num país com um secular passado escravista, com um racismo não declarado, hipócrita e muitas vezes subestimado e uma população negra em condições econômicas bem inferiores à média da população nacional, o surgimento de um herói negro, que se orgulhava de ser negro e que se destacava perante todos os outros atletas - brasileiros ou não, negros ou não -, representou uma verdadeira abolição da escravidão social. Se a escravidão jurídica tinha sido abolida pela princesa Isabel em 1888 e a econômica continua em andamento, a abolição da escravidão social teve uma vitória importante com a ascensão da majestade de Pelé e de seu reconhecimento perante os brasileiros e o mundo. (2015, s/p)

Pelé é um caso bem especial de atleta, que seria a perfeita representação do negro brasileiro para que pudesse ser mostrado ao mundo. Mario Filho (2003) diz que "Pelé seria um exemplo de negro 'democrático', e a sua idolatração veio a calhar para as aspirações "internacionalizantes" do futebol brasileiro, isto é, o seu reconhecimento mundial". E, nos guiando pelo contexto histórico da época, é marcado pela ocultação dos aspectos socioeconômicos que envolviam o racismo brasileiro, ao proclamar como um avanço de tolerância racial a inserção do negro em "várias" atividades da vida social. Pelé era apenas um personagem que servia aos interesses para a construção do brasileiro ideal, e a conquista da copa se perpetuou o discurso que baseia o estilo brasileiro de futebol em características "naturais" do negro.

Na conquista da Copa de 1962, o grande destaque foi Garrincha. Pelé se contundiu na segunda partida da seleção e Garrincha assumiu para si o protagonismo na seleção, com suas jogadas geniais de dribles desconcertantes. O Brasil se sagrou campeão num duelo contra a Tchecoslováquia, no Estádio Nacional de Santiago. Esse estádio, anos mais tarde, fora palco da prisão de militantes contrários à ditadura militar chilena, onde foram vítimas de torturas e de assassinatos, inclusive de brasileiros.

Voltando a falar do endiabrado Garrincha, o gênio das pernas tortas era totalmente o contrario de Pelé, ele passava a imagem do futebol malandro, do moleque irresponsável. O futebol brilhante que misturava a ginga do samba e da capoeira com a malícia do brasileiro. Ele era totalmente a imagem do brasileiro humilde, pois segundo Thompson:

Fora dos gramados, Mané namorava, caçava passarinhos, frequentava botecos e jogava "pelada". Ele ainda era admirado pela solidariedade com que tratavam os seus "iguais", por não ter abandonado os amigos, continuar morando ou visitando o lugar onde foi criado, ser próximo dos torcedores e, principalmente, manter um estilo de vida associado aos símbolos que são considerados de uma cultura plebéia (apud SOUZA, 2015, s/p).

As conquistas do Santos F.C na Libertadores, em 1962 e 1963, junto com o bicampeonato do Brasil, confirmaram a visão de que o Brasil tinha o melhor futebol do mundo. A euforia política e futebolística fazia crescer o otimismo em relação ao futuro do país.

Nas ruas, a população cantava: "Não tem arroz, não tem feijão, mas assim mesmo o Brasil é campeão" (AQUINO, 2002, p.85)

CAPÍTULO III - DITADURA MILITAR E FUTEBOL

1.1. FRACASSO EM 1966 E O INICIO DA "MILITARIZAÇÃO"¹⁰ DA SELEÇÃO

Um golpe militar, aplicado em 31 de março de 1964, retirou do poder o até então presidente João Goulart. A tomada, por meio do golpe, não foi aceita passivamente e movimentos populares reagiram contra a intervenção. As forças armadas, apoiadas pelo governo norte americano através da operação chamada "Brother San", se instalaram no poder. Movimentos contrários foram reprimidos com violência através do aparato repressor estatal e a Lei de segurança nacional foi aplicada. "As liberdades públicas e individuais estavam subordinadas às diretrizes da Lei de Segurança Nacional, o que implicava censura aos meios de comunicação, prisões arbitrárias, torturas e até assassinatos de opositores do regime." (AQUINO, 2002, p. 86)

O primeiro presidente do Governo Militar, além das medidas repressivas, também utilizou do futebol para angariar prestígio.

A primeira evidência do uso político do futebol ocorreu no dia primeiro de maio de 1964, com receio de intensificar as manifestações contrárias ao golpe recente, o governo Castelo Branco (1964 - 1967) determinou uma série de clássicos regionais em todas as cidades com mais de 50.000 habitantes (SALVADOR; SOARES, 2009, s/p apud ALMEIDA; RIBEIRO, 2014, p. 6).

Apesar de ter sido anunciada como uma intervenção passageira, as forças cívico-militares efetuaram uma ruptura constitucional e tinha o objetivo formar um novo governo estabelecendo alianças políticas com a UDN (União Democrática Nacional), com militares e principalmente com os principais setores do empresariado.

Para tentar legitimar essa forma de governo, além de utilização do próprio aparato repressor, as ferramentas ideológicas também foram de suma importância

¹⁰ Ver intervenção militar na seleção brasileira nas páginas 57 e 58.

na consolidação do regime. Há uma visível consolidação da indústria cultural no período militar, considerando que, de um lado, a censura esteve presente de forma ostensiva, coibindo tudo que era contrário a sua ideologia, e de outro, os incentivos do governo foram cruciais para o desenvolvimento do sistema comunicacional no País.

Os esportes, em especial o futebol, se tornaram espaço perfeito para propagar a ideologia e inflar o moral nacional, pois, para governo militar, ficava claro que as manifestações de lazer poderiam servir como propaganda política e ideológica. A ditadura fez um grande investimento na área esportiva, principalmente através de políticas que objetivavam o incentivo e a divulgação da participação brasileira em campeonatos mundiais de futebol e jogos olímpicos. Além disto, na esfera nacional, essa época foi marcada pela construção de estádios e criação do campeonato brasileiro de clubes.

A exposição da seleção antes da Copa do Mundo de 1966 foi intensa. Foram realizadas 52 partidas como preparação para a copa, sendo tanto disputadas em vários estados como em outros países. A importância de também levar para outros estados, locais esses que não possuíam futebol forte, era para angariar prestígio junto à população local e era um modo do governo conseguir apoio político nessas regiões. Também era interessante passar uma imagem de normalidade política e desviar o foco das oposições.

Os amistosos disputados na Europa serviram bastante para promover o presidente da CBD, João Havelange, que tinha pretensões ao cargo de presidente da FIFA.

Na volta após a eliminação na Copa, o selecionado não foi recebido com festejos. As únicas manifestações que existiam era as de contestação ao regime. A Lei de Segurança já vigorava como reação as revoltas no país. Com o passar dos anos o Ato Institucional nº 5, de 1968, suspendia os direitos civis e a censura era estabelecida.

A instalação do regime já refletia na seleção e comissão técnica e jogadores foram investigados por conta da má atuação na copa de 1966. Além disso, a própria entrada de militares na entidade que gerenciava o futebol brasileiro aumentou. Segundo Guterman:

A derrota e a péssima campanha (a pior do Brasil em Copas do Mundo até hoje) geraram uma crise no futebol nacional. Ao retornar ao país, a seleção

foi escoltada pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) no desembarque. A derrota foi levada tão a sério pelo regime que foi organizada uma Comissão para investigá-la; tudo seria feito para impedir um novo fracasso. Anos depois, alguns jogadores e parte da comissão técnica assumiram ter sofrido pressões externas à delegação durante o campeonato. Feola disse que a decisão de alterar a escalação do time contra Portugal não foi sua, mas de terceiros. Havelange sentiu a pressão oficial, e a partir de então a CBD se moldava cada vez mais no estilo militar, o que ficou conhecido como a militarização da CBD e da delegação. As devidas providências foram tomadas pensando na próxima Copa, em 1970, no México (*apud* MAGALHÃES, 2011, p. 3).

O ponto endurecimento da repressão ocorreu durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) (**ANEXO P - Médici recebe a seleção brasileira após a conquista da copa do mundo**), que coincidiu com a realização da Copa de 1970. Também foi um governo marcado pelo apoio dado ao futebol. Médici, dos presidentes militares, foi o que mais se associou a imagem do futebol. Era comum vê-lo presente nos estádios, onde sempre portava consigo um rádio. Durante seu governo, foi realizado um torneio em sua homenagem chamado Torneio do Povo, que reunia os clubes mais populares como Flamengo e Corinthians. O objetivo claro era mascarar um pouco a "dureza" do regime e associar sua imagem a um clube popular.

O general era um fanático do esporte, e fazia questão de divulgá-lo, assim como a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), órgão responsável pela propaganda oficial. Para a AERP, o dueto futebol e Médici caiu como uma luva na construção de uma imagem positiva do líder e de sua aproximação com os setores populares. A seleção também seria bastante utilizada, principalmente após a conquista do tricampeonato, quando associou-se a vitória em campo com o próprio modelo de país (MAGALHÃES, 2008, s/p *apud* MAGALHÃES, 2011, p. 3).

No ano de 1969, após a edição do AI-5, o técnico escolhido para comandar a seleção foi o jornalista e ex-técnico do Botafogo João Saldanha para eliminatória e para a Copa do Mundo de 1970. Saldanha era conhecidamente militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que provocava desconforto nos setores da direita. Saldanha montou um excelente time nas eliminatórias e conquistou grandes resultados, conseguindo classificar a seleção com relativa facilidade para a Copa do Mundo.

O técnico foi demitido quando faltavam três meses para o início da competição. É de causar estranheza que um comunista assumisse a seleção brasileira, seleção que representava os interesses militares, mas segundo o escritor Carlos Ferreira Vilarinho, autor do livro *Quem Derrubou João Saldanha*, que apesar

da contratação para ser técnico, o plano da ditadura era "frita-lo" no cargo. Ele era uma figura extremamente popular e adorada pelo povo, e costumava sempre fazer críticas sobre ditadura e contra a CBD.

Ainda há muitas outras histórias que falam sobre a demissão de Saldanha, para entrada de Mario Jorge Lobo Zagalo, primeiro por conta do entreviro que teve com o presidente Médici por causa da posição favorável à convocação de Dario, jogador do Atlético Mineiro. Quando foi perguntado sobre a preferência presidencial, Saldanha retrucou: Vamos fazer um acordo: "Eu não escalo o ministério e o senhor não escala a minha seleção". Também é atribuído a Saldanha críticas feitas a Pelé. O técnico dizia que Pelé estava com problemas de visão, e essas declarações geraram um grande desgaste a frente da seleção, já que Pelé era o principal jogador da seleção e garoto propaganda do regime.

Ainda, segundo Aquino:

Comentou-se, na época, que a verdadeira razão da demissão de Saldanha, na noite de 17 de março, prendeu-se a questões políticas. Dizia-se, à boca pequena, que Saldanha levava ao exterior documentos denunciando a ocorrência de prisões arbitrárias, torturas e assassinatos de presos políticos. Violências essas que a ditadura sempre negou. Em seu lugar foi escolhido Mário Jorge Lobo Zagalo, após recusas dos treinadores Oto Glória e Dino Sani (2002, p. 91).

Ao regime era fundamental que a seleção conquistasse o título. A ditadura tinha a certeza que a Copa do mundo traria legitimidade diante da sociedade brasileira. O que ajuda e muito a esse prognóstico era o milagre econômico que ocorria no Brasil. O país chegou a crescer até 13% ao ano. Houve um aumento do poder de compra através da abertura de linhas de crédito e de financiamento, e o aumento desse poder de compra possibilitou a aquisição de televisores, já que pela primeira vez a copa iria ser transmitida ao vivo.

Sobre a intervenção militar na seleção, se fez necessária, segundo os militares, por conta do péssimo desempenho na copa, que ficou marcada pela falta de organização na preparação do time. O jogo solto, típico brasileiro, pareceu ineficiente diante do futebol de força dos europeus. A mudança já se tornou visível nos cortes de cabelo dos jogadores, cabelo bem aparados, barbas feitas, em claro estilo militar. Na delegação e na preparação também se refletiu quando a chefia da delegação fora toda entregue para militares, como Carlos Alberto Parreira, na época

Capitão do Exército. Caberia a toda essa comissão formada por militares, além da preparação física, a função de disciplinar os jogadores.

A seleção brasileira foi campeã em 1970. Era a mistura da habilidade de seus jogadores, mas também a excelente preparação física imposta pelos militares, a equipe teve um desempenho excelente dentro de campo. E muito bem capitalizado pelo regime.

O jogador de talento espontâneo cedia espaço ao atleta/soldado, e estava sujeito aos mesmos mecanismos repressores e disciplinadores, da mesma forma que a nação era submetida na ditadura. "Foi uma festa. Não somente no México, como também no Brasil, apesar da ditadura. Ainda que as prisões, torturas e assassinatos de presos políticos atingissem um elevado grau de violência, as emissoras de rádio não paravam de tocar a música 'Pra frente Brasil' [...]" (AQUINO, 2002, p. 94).

A propaganda ao regime se confundia com o sucesso do selecionado. Na semana da pátria o slogan era "Ninguém segura esse país". Cartazes com a bandeira do país tinham os dizeres "Brasil, ame-o ou deixe-o".

A conquista da Copa de 1970 ajudou a aumentar popularidade de Médici, que conquistava a população também pelo proclamado Milagre Econômico. Apesar de ser um ditador, Médici conseguiu um certo nível de popularidade, tendo exemplo alguns ditadores como Vargas e Perón, que também eram populares. Eles poderiam ser considerados tiranos, mas não eram assim para todas as pessoas, obviamente para os setores econômicos políticos econômicos que tinham ganhos com o regime. Médici capitalizou politicamente a vitória de 70. Para Magalhães:

Os militares não deixaram de se beneficiar com a vitória esportiva. A própria marchinha que se tornou símbolo da vitória era uma associação entre o país e a seleção. O futebol era um elemento que permitia ao regime promover as supostas uniões nacional e diversidade, em um espaço que não passava pelo setor político. Os responsáveis pela Agência Especial de Relações Públicas (AERP), incumbida da propaganda do regime, não tiveram dificuldades para convencer as autoridades sobre a importância do momento, nem de usá-lo a favor do governo. Não foram poucos os políticos que perceberam a popularidade da seleção e procuraram também tirar proveito da situação apoiando o discurso oficial e posando ao lado dos jogadores na grande recepção feita por Médici em Brasília (2011, p. 6).

2.2. CRIAÇÃO DO "BRASILEIRÃO" E O FRACASSO NA COPA DE 1974

Seguindo a mesma linha do projeto de integração nacional, a CBD passou a organizar o campeonato brasileiro de 1971. Dentro dessa crescente do futebol brasileiro, a conquista do tricampeonato teve um papel fundamental. É neste momento que o regime militar expande, em benefício próprio, os resultados do futebol em sua própria máquina de propaganda.

Embalados pelo sucesso da seleção e pelo grande apoio popular na conquista da copa, políticos e dirigentes visavam à organização de um campeonato de futebol nacional que pudesse contemplar todas as regiões do Brasil. Esse plano de ter times de diversas regiões do país ia na mesma linha do plano de integração nacional, que visava criar uma unidade maior entre as diferentes regiões do Brasil, e também estimular o crescimento de áreas antes isoladas e esquecidas. E, assim como a aplicação de políticas desenvolvimentistas, o futebol também faz parte desse processo. Era um período de expansão da fronteira agrícola, da construção da rodovia Transamazônica, por exemplo.

A construção desse Campeonato servia para confirmar esse processo. O governo viabilizou o torneio através do Ministério da Cultura, com ajuda financeira. A maior questão para viabilizar a competição, na época, era quanto aos custos das viagens, pois apesar da aviação civil já estar consolidada nesse período, era altamente custosa por conta das dimensões continentais do país. E o poder público passou a custear esses traslados e as estadias.

É interessante ressaltar que, durante este período, muitas pessoas ligadas ao futebol participaram das eleições, utilizando a popularidade conferida pelo esporte. A política passou a ter influência direta no crescimento da competição, já que o campeonato inchava cada vez mais com a entrada de clubes sem nenhuma tradição no futebol. Esse inchaço na competição, em 1974, foi por conta dos péssimos resultados das eleições do ARENA (partido da base do governo). Onde o partido ia mal os militares convidavam um time dessas mesmas regiões a ingressarem no campeonato.

Não era apenas com o acréscimo de clubes sem expressão no Brasileiro que o projeto de integração da ditadura se fazia sentir através do futebol. Eram construídos estádios (**ANEXO Q - Dados sobre a construção de estádios durante a ditadura**), muitos deles, nas regiões mais pobres do Brasil. A grande maioria com capacidades enormes, exageros para clubes que quase sempre disputavam torcidas

com os grandes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Através da construção dos estádios, a grandeza do futebol caminhava junto à grandeza do projeto político. Eles eram construídos em bolsões do país que não estavam em pleno desenvolvimento, muitos no Norte e no Nordeste. Eram obras gigantescas que davam visibilidade ao governo "marcar presença". Essas regiões têm a maior quantidade de estádios de futebol, maioria deles construções desse período.

O crescimento da competição veio junto com a crise econômica. Em 1974 era caracterizada pela alta dos preços do petróleo no mercado mundial. Retornavam a inflação e o endividamento externo, mostrando assim os limites do milagre e começando a dar os primeiros sinais do desgaste do regime ditatorial. 'Onde a Arena vai mal, um time no nacional'. O lema tomou conta do Campeonato Brasileiro a partir de 1974, quando a derrota da Arena nas eleições fez com que o governo Geisel iniciasse uma prática clientelista através do futebol, integrando nacionalmente as cidades através da inclusão de clubes na competição nacional. De 42 times em 1975, o Brasileirão saltou para 94 participantes em 1979. Santos afirma que:

O projeto de integração nacional através do futebol, iniciado na gestão de João Havelange foi instrumentalizado de forma acintosa por seu sucessor na CBD. Se Geisel garantiu a manutenção do projeto de abertura idealizado no início de seu governo, em 1978 a gestão de Heleno Nunes é contestada nos principais centros do país. Diferentemente do general-presidente, o almirante-dirigente enfrentava dificuldades para consolidar seu projeto de interiorização do futebol (2012, p. 135).

Em meio a crise econômica e em busca de apoio político, o Campeonato Brasileiro chegou a incrível marca de abrigar 79 equipes. Tudo para tentar angariar público, legitimação e agradar políticos.

Apesar dos primeiros sinais de desgaste, a seleção continuou militarizada. Praticava um futebol sofrível e nada parecido com as apresentações de 70, onde foi coroada campeã. A seleção, na Copa de 1974, já não contava com Pelé, que tinha se aposentado e já não mostrava o mesmo futebol de 70. A equipe era pouco organizada, sem brilho e sem motivação, assim como o país também se mostrava. A campanha na copa desapontou a todos, principalmente aos setores governistas. O descontentamento ressurgia e o futebol não conseguia mais mascarar todos os problemas que o país passava.

3.3- CRISE DO REGIME: CONTESTAÇÕES DENTRO E FORA DE CAMPO

Talvez a ideia que se passa do regime é que o mesmo fora imposto de maneira pacífica e sem maiores contestações. Partidos políticos de esquerda, movimento dos trabalhadores, movimentos estudantis, entre outros, fizeram grande oposição ao regime ditatorial. O filme "O ano em que meus pais saíram de férias" mostra um pouco da tensão que existia entre militantes da esquerda e o regime, mesmo com o clima nacionalista da copa do mundo. O próprio clima de festa serviu para mascarar o endurecimento do regime, dando uma falsa ideia de tranquilidade. Isso talvez fosse o "ópio do povo" servindo aos interesses do governo. Para Da Matta:

No caso do futebol e no caso da sociedade brasileira, postula-se frequentemente uma relação de mistificação entre os dois termos. O futebol é um ópio da sociedade brasileira, do mesmo modo que o domínio econômico é sua base. Como se futebol e economia fossem realidade exógenas, que pudessem existir em isolamento na sociedade. Deste ângulo, o futebol é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos (*apud* LIRA NETO, 2012, p. 27).

No campo futebolístico, apesar de poucas, houve manifestações mais pontuais no início do regime e, conforme o tempo passava e a contestação aumentava, cresciam as manifestações dentro de campo.

Uma das primeiras mostras de críticas ao regime foi do jogador Afonsinho (**ANEXO R - Meia Afonsinho**), do Botafogo. Além de jogador era também estudante de medicina e fazia parte da militância estudantil. O assassinato do estudante Edson Luís Souto, pelo regime militar, fez com que Afonsinho se envolvesse mais com a militância, participando de movimentos estudantis. Chegou até cogitar a participação na luta armada na Guerrilha do Araguaia. Dentro de campo ficou marcado, no ano de 1971, por lutar pelos direitos dos jogadores no que se referia a pagamento de salários e premiações, que quase sempre atrasavam, e a estrutura militarizada e hierarquizada dos clubes que não permitiam cobranças aos dirigentes. Teve também problemas com o técnico Zagalo, pois o mesmo criticava seu visual considerado subversivo, devido a barba e cabelos compridos. Conforme Couto:

Naquele dia, ao exibir sua barba e seus cabelos ligeiramente fora dos padrões requisitados para um jogador de futebol, Afonsinho suscitou no

técnico os sinais do autoritarismo de coloração verde oliva por ele incorporados durante a epopeia mexicana: o jogador ficaria proibido de treinar com seus companheiros enquanto não se apresentasse com a aparência "adequada". General Severiano, o centro de treinamentos do clube, fazia jus à patente descrita em seu nome. O clube ganhava feições de quartel, o jogador de futebol assumia a fisionomia de soldado. (2010, p.4).

Todos esses problemas fizeram com que Afonsinho fosse uma pessoa mal vista no clube. O jogador chegou a ser afastado dos treinos e impedido de jogar em outro clube. Ele foi à justiça e conseguiu o direito ao passe livre, conseguindo romper seu vínculo com o Botafogo. Foi algo inédito na época. A opção por questionar as diretrizes do clube fez a ditadura passar a persegui-lo, sendo fichado no Serviço Nacional de Informações (SNI), como subversivo e comunista. Questionar o sistema futebolístico de então era bater de frente com os militares. No entanto, nada o impediu de continuar lutando por justiça e democracia.

Como um dos poucos representantes da esquerda no meio futebolístico, Afonsinho acabou se aproximando de setores culturais que contestavam o regime. Artistas como Chico Buarque e Gilberto Gil tornaram-se seus grandes amigos. A amizade rendeu uma música composta por Gil, no ano de 1973, a canção "Meio-de-campo".

Era uma luta entre atletas e dirigentes por melhores condições de trabalho, contra o cerceamento da liberdade de expressão e a exploração do jogador de futebol em relação a melhorias nos contratos firmados entre clube e jogador.

Na mesma linha de militância política aparece o jogador Reinaldo (**ANEXO S - Reinaldo**), do Clube Atlético Mineiro. O craque do Atlético Mineiro explodiu quando a abertura lenta e gradual da ditadura brasileira iniciava. As liberdades começavam a ressurgir na sociedade, enquanto o futebol se tornava mais midiático. Reinaldo, em suas comemorações de gols tinha o costume de erguer o punho direito, fazendo alusão ao movimento dos Panteras Negras americanos, que lutavam por democracia e contra o regime segregacionista nos Estados Unidos. Segundo Reinaldo, em sua entrevista a revista Placar, o gesto era necessário para mostrar resistência ao regime militar e acelerar o processo democrático. O mesmo era ciente que o futebol sempre foi um meio reacionário.

Em 1977, Reinaldo era um dos principais jogadores em atividade do país e sua convocação para a Copa de 1978 era praticamente certa. Os militares não o queriam no torneio, mas o apelo nacional foi mais forte e Reinaldo foi convocado. Mas

ainda assim era vigiado de perto. Ele perdeu a posição de titular a partir do terceiro jogo, fato que o atacante credita a sua comemoração após um gol no jogo de estreia, em que fez seu gesto característico de protesto, sendo que a competição estava sendo disputada na Argentina, que vivia o auge da ditadura.

Conhecedor das questões políticas que naquele momento envolviam tanto o Brasil quanto a Argentina, Reinaldo mantinha-se firme em suas convicções. No bojo dos acontecimentos, tanto a imprensa brasileira como os militares temiam que o jogador pudesse utilizar a visibilidade da Copa do Mundo para expor seu gesto de protesto, muito conhecido nos gramados brasileiros (COUTO, 2010, p. 13-14).

A seleção acabou ficando fora da grande final por causa do critério de desempate. Criando uma grande suspeita de manipulação de resultados, acreditando que as pressões militares e políticas teriam entrado nos vestiários peruanos e em campo para garantir a vitória da ditadura local.

Reinaldo procurava exteriorizar suas posições políticas à imprensa de minas. Foi o primeiro jogador a falar abertamente contra a ditadura. Ocorreu em 1977, quando o jornal *Movimento* publicou a entrevista com o craque sob o título: "Reinaldo, bom de bola e bom de cuca". Defendia a anistia aos exilados políticos, o voto direto e o fim da ditadura no país. Deu entrevistas a mídias alternativas da época, críticas ao regime, a poucos meses da Copa da Argentina, colocando em duvidas sua ida a copa. Couto afirma que:

[...] uma de suas entrevistas concedidas ao semanário alternativo *Movimento*, veículo ligado a grupos de esquerda do país, causou um grande mal estar nos bastidores da seleção. A matéria buscava diferenciar o centroavante atleticano do maior ídolo do futebol brasileiro, Pelé, considerado pela imprensa alternativa como um "fantoche dos militares" (2010, p. 14).

E pensando no espaço do futebol e das manifestações políticas, conforme o próprio Reinaldo afirma que não há militância e que o ambiente futebolístico é reacionário, e esse mesmo espaço é majoritariamente conservador, segundo Reinaldo, surgem pontos de resistência, e pode ser pensado que:

Assim como ocorre com a religião, o futebol é atravessado pelas contradições do modo de produção capitalista. Ele deve ser pensado dialeticamente, como um fenômeno que traz no seu bojo elementos que dão reforço, mas que também protestam contra as condições objetivas de vida impostas pelo capitalismo, as quais constituem a miséria real, o vale de lágrimas em que o futebol se edifica (LIRA NETO, 2012, p. 30).

O próprio Reinaldo se manifestava porque achava que os jogadores também deveriam opinar. O futebol sempre era considerado o ópio do povo, um instrumento da ditadura. Já provava a visão crítica e o grau de politização do jogador.

A ditadura, em fins dos anos 70 e início dos anos 80, já dava claros sinais de desgaste. Os militares estavam sucumbindo ao crescimento dos movimentos populares. Aos poucos, as ruas foram tomadas por protestos que cobravam eleições diretas e o fim da ditadura. Era o crescimento de uma resistência popular que nunca cessou mesmo nos anos mais duros do regime militar, como na campanha pela anistia ampla, geral e irrestrita que resultou na lei aprovada no governo do general João Batista Figueiredo, em 1979.

Os anos seguintes foram cercados de movimentações políticas e um enfraquecimento crescente do regime militar, tanto que os próprios clubes que disputavam campeonatos deficitários começavam a ceder jogadores para times estrangeiros em grande escala e sofriam constantes pressões de dirigentes e governantes buscando apoio a qualquer custo. A situação chegava ao limite, e o futebol não conseguia mais servir de reforço ao poder militar. Ao contrário, ele estava antecipando as fissuras que se abriam na ditadura. Era o reflexo da crise política no futebol. A CBD, que era vinculada ao governo, deixa de existir e em seu lugar é criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que passa a tratar de assuntos exclusivos sobre o esporte bretão, e passa a ser uma entidade privada.

Sobre a insatisfação popular, reflexos surgiram nos estádios, através das torcidas dos clubes e através de mais jogadores militantes e conscientes politicamente, a se posicionarem favoráveis ao fim da ditadura e a realização de eleições diretas. Ribeiro e Almeida (2014) afirmam que com a vitória do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) nas eleições de 1976 e 1978, o mundo do futebol também entrou no clima de contestação. O jogador Tostão, que era o politizado, mas por conta da ditadura, em 1970, não posicionou politicamente por medo de ser desconvocado, deu entrevistas defendendo a Reforma Agrária e confessando ter sido eleitor do então exilado Leonel Brizola.

Nos anos 80, podem ser observadas diversas manifestações políticas nos estádios, manifestações essas que refletiam os anseios da sociedade. O movimento mais famoso do futebol brasileiro durante a ditadura não resultou em mudanças diretas na sociedade nem mesmo entre os clubes de futebol, mas serviu

de grande exemplo de como o fim do regime se aproximava. O Parque São Jorge reunia jogadores engajados politicamente, como Casagrande, Wladimir e, principalmente, Sócrates, ao lado do diretor de futebol e sociólogo Adílson Monteiro Alves. Segundo Guterman:

A parte de todo o mar autoritário que havia à época, onde não havia eleições diretas para presidência da República, o Corinthians tornava-se uma ilha de democracia liderada por Sócrates, Casagrande e Wladimir, chegando ao posto de sócios beneméritos e conselheiros do clube, tendo direito a voto para presidência da entidade (*apud* CASTILHO, 2010).

Os jogadores corintianos eram convidados a participar de decisões que até então eram monopolizadas. Assuntos como concentração, contratação de novos jogadores, escolha de técnicos passavam pelo voto de todos os integrantes do clube, com peso de voto igual para todos. Era a "democracia corintiana" (**ANEXO T - Sócrates e Casagrande**), instalada em 1981, um ano antes das eleições diretas para os governos estaduais e para o congresso Nacional. Embora inibido pelo militares, o time entrava em campo com camisas incentivando o voto nas eleições legislativas. Para Silva:

Este contexto organizado no início da década de 1980 dentro de um clube popular foi, em momento crucial na história do país, um fato marcante, uma vez que os jogadores entravam em campo com faixas, cartazes e dizeres na camisa do time como: "diretas já", "eu quero votar para presidente", esta manifestação correspondeu à necessidade de articulação por luta pela democracia já que a organização social, política e econômica atende a bipolarização do mundo expressa pela Guerra Fria e, no caso específico do Corinthians, há uma consciência de classe manifestada sobretudo por jogadores como Sócrates e Wladimir, principais articuladores deste movimento. (2011, p.45)

O desgaste da ditadura militar e o fim do "Milagre Econômico" fizeram com que o Mundialito de 1981, disputado do Uruguai, representasse outro momento, que nada tinha a ver com os discursos anteriores, na relação da Seleção Brasileira com o regime. No lugar do ufanismo do tri em 1970, entrava o futebol como válvula de escape para um cotidiano difícil. Uma da seleção que apenas alguns momentos de alegria diante de um cenário futuro que se apresentava sombrio diante do aumento da pobreza e da crise econômica, comparado com a década anterior que visava o Brasil Potência.

Sobre a crise econômica, na chamada década perdida dos anos 80, a esperança do governo com o futebol:

[...] o futebol pode ser utilizado como 'ópio do povo' não significa culpa-lo por problemas sociais quaisquer, mas significa, pelo contrário, que são os problemas sociais que tornam necessária a existência de algo que proporcione ânimo, alegrias a uma existência sofrida - o que pode ser conseguido por meio do futebol (LIRA NETO, 2012, p. 29-30)

Nas arquibancadas, a vontade popular podia ser vista e ouvida através das manifestações pró-democracia. Um pouco antes, em 1979, a partida entre Santos e Corinthians ficou marcada por ter surgido uma faixa (**ANEXO U - Faixa pedindo anistia política, no jogo entre Corinthians e Santos**) pedindo "anistia ampla, geral e irrestrita". Isso mostrou o quanto já estavam popularizadas as manifestações, e serviu para acelerar o processo de anistia. No Rio, Flamengo e Fluminense disputaram o título da Taça Guanabara de 1984, sob forte clima político por conta das eleições indiretas. Afinal, os adversários na decisão resolveram se posicionar diante da disputa entre Tancredo e Maluf. No dia do jogo, apesar da rivalidade futebolística, ambas as torcidas estavam a favor de Tancredo Neves. No ano de 1984, 128 mil torcedores lotaram as arquibancadas do Maracanã para a final do Campeonato Brasileiro de 1984, entre Fluminense e Vasco. O hino nacional não pode ser ouvido diante do coro feito pelas duas torcidas pedindo as eleições diretas.

Essas manifestações mostram um pouco que o espaço futebolístico não é composto somente de alienação, mas que possui também espaços de crítica, conforme Kfourir:

Foi num campo de futebol que se abriu, pela primeira vez, na História, uma faixa pela anistia aos presos políticos brasileiros; foi no Morumbi, com cem mil pessoas, num jogo entre Corinthians e Santos. E por que, num campo de futebol com cem mil pessoas? Porque não dava para a polícia chegar lá em cima, e prender todo mundo; quando a polícia chegou, a faixa já havia desaparecido. Foi num campo de futebol, no Estádio Nacional de Santiago, na primeira partida depois que o estádio foi liberado, após servir de prisão por dois anos e meio, no Estádio onde morreram patriotas chilenos e brasileiros, que houve um apagão, a primeira manifestação por liberdade, durante a ditadura Pinochet. Quando as pessoas se deram conta, estava tudo apagado, e começou um canto: "*libertad, libertad, libertad*". Havia sessenta mil pessoas no jogo entre o Universidad Católica e o Colocolo, e seria impossível colocar sessenta mil pessoas dentro de camburões. (apud Lira Neto, 2012, p. 31-32)

Esse clima de democratização no país também se refletia na seleção brasileira, que disputaria a Copa do Mundo de 1982. O comando técnico voltava a ser de um civil e Telê Santana foi o escolhido. Telê já mostrava que era possível manter a autoridade sem o autoritarismo, e nessa seleção a disciplina e o respeito

eram obtidos com conversas francas com os jogadores e, sendo assim, dividiam responsabilidades e assumiam compromissos.

O líder da democracia corintiana, Sócrates, ostentava a faixa de capitão do selecionado brasileiro. Mesmo apresentando um futebol vistoso e considerado melhor do mundo, a seleção não conseguiu conquistar o título mundial. Se não conseguiu levantar a taça de campeão mundial, Sócrates pode ajudar a evantar o povo pelas diretas. Sócrates, Wladimir e Casagrande participaram de diversos shows e comícios que tinham como tema as "Diretas Já!". Da mesma forma que o futebol, essa possibilidade de transição política para democracia incentivava o povo a ir para as ruas protestar, tendo como inspiração a possibilidade concreta de mudanças para a população. Lira Neto (2012) menciona que o futebol é o esporte mais enraizado em nossa cultura, e mostra-se compatível com as características dos brasileiros, o que torna possível dizer que a nossa sociedade se expresse pelo esporte.

Porém, a movimentação política que encantou e levou às pessoas as ruas, não conseguiu vencer, assim como a seleção de 82. A câmara não aprovou as modificações nas regras de eleições, e a eleições para presidente se dariam de maneira indireta. O mais importante foi mostrar a força do povo na rua, mas não tardou para que as vontades populares sem tornassem realidade.

De qualquer forma, serviu para mostrar que o futebol também serve para ajudar a motivar a população a lutar por seus direitos e não apenas passar a idéia de ser um espaço que serve apenas para servir de circo ao povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar nesse estudo, desde os tempos antigos, as atividades atléticas estão presentes na sociedade, com sua finalidade alterando ao longo do tempo, sendo utilizadas para atividades de guerra, entretenimento, saúde, entre outros.

A utilização política das atividades atléticas na Grécia antiga, por exemplo, abrangia, além do uso das mesmas para a preparação militar, a realização de Jogos, com o intuito de promover um relacionamento político saudável entre as cidades-estado. O estabelecimento da paz sagrada, durante a realização dos Jogos Olímpicos, simbolizava o contrato entre os governos das cidades e dava um sentido de identidade entre os povos gregos (SIGOLI, DE ROSE JR., p. 113, 2004).

O advento das olimpíadas modernas, a popularização dos esportes e o aumento da profissionalização tornaram-se alvo da utilização do Estado de modo a querer associar a vitória esportiva ao Estado ou até mesmo ao seu governante:

No último quarto do século XIX, com o desenvolvimento das atividades esportivas e o surgimento de ligas e campeonatos, nasceu a figura do espectador esportivo. Foram construídos estádios que abrigavam grande número de torcedores. O crescimento do número de espectadores fez com que o esporte fosse utilizado como forma de alienação dos trabalhadores que aos sábados, após o expediente, dirigiam-se em massa aos estádios para assistir aos jogos das equipes de suas respectivas fábricas (SIGOLI e ROSE JR, p. 114, 2004)

A participação, e até mesmo a interferência do Estado nos esportes, foi um fenômeno em escala mundial e as vitórias na esfera esportiva podiam ser interpretadas como simbologia do poderio da nação e do regime vigente.

O início dos anos de 1900 foram marcados pela explosão das atividades esportivas como um fenômeno popular, impulsionado pela máquina estatal, ligado a um novo estilo de vida que atingiu as regiões mais industrializadas do mundo. Essas regiões puderam observar essa mudança que tirou do esporte sua característica inicial e o transformara em uma fábrica de competição e de propagação de regimes. É muito importante recordar que no início desse século, principalmente a Europa, passava por grave crise política, econômica e financeira devido à primeira guerra

mundial e a crise de 1929. Esse contexto favoreceu o surgimento de regimes autoritários, Alemanha e Itália como principais exemplos, impulsionados por uma intensa propaganda política de caráter nacionalista.

No Brasil, a atividade esportiva também foi utilizada com fins políticos e visando a criação de uma identidade nacional. O Estado Novo de Vargas caracterizou-se por procurar seguir essa linha de associação aos esportes, semelhante aos estados europeus. A grande problemática, na visão de Vargas, na criação dessa identidade era a existência de muitos imigrantes e de unidades representativas dos mesmos, que mantinham seus costumes e tradições de seus países de origem. Diante disso, Vargas, como afirma Macedo,

"criou leis e órgãos de fiscalização e repressão com o objetivo de impedir que imigrantes mantivessem os costumes dos seus países dentro dos seus clubes sociais, principalmente após a entrada do Brasil na Segunda guerra" (MACEDO, 2008, p. 1).

O futebol na ditadura Varguista foi o carro chefe na intenção de criação de uma unidade nacional. Na era Vargas (1937-1945), se utilizava dessa atividade esportiva para que fosse apagado o regionalismo que era herança da República Velha (1889-1830), período caracterizado por alternância no poder de entre o eixo Rio - São Paulo - Minas. Com destaque maior para as capitais cultural e financeira, Rio de Janeiro e São Paulo. Conforme Miranda,

O governo de Vargas aproveitou-se da popularidade do futebol, iniciada nesse período quando tal esporte mudava-se da fase amadora para a profissional (conseguindo mais adeptos e fãs no país, em principal nos grandes centros de poder, como os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro), para tentar concretizar alguns de seus projetos, tal como o de unidade nacional (MIRANDA, 2007, p. 7).

Como já mencionado, com a profissionalização e o aumento da popularização do esporte, o Estado percebe a força do esporte e passa a ter o controle do mesmo através de promulgação de leis.

A associação entre futebol e política não é algo exclusivo dos regimes ditatoriais que o Brasil vivenciou, mas fica claro durante nosso percurso histórico, que foi usado com muita força para mascarar os abusos das ditaduras como as mortes, as prisões e as perseguições aos contestadores dos regimes.

Desde os primeiros momentos em que o futebol se afirma como um esporte de proporções nacionais e, acima de tudo, com um potencial de arregimentar as massas, os políticos procuram, das mais variadas formas, interferir nos rumos do

esporte.

Trazendo o futebol para os tempos atuais e ao mesmo tempo fazendo um comparativo com os períodos citados nesse trabalho, sobre o uso político do esporte, podemos perceber que ao atender interesses políticos para a Copa do Mundo de 2014, foram construídos estádios para receber jogos da competição em cidades onde não há clubes de grande apelo popular, como Manaus, Brasília, Cuiabá e Natal. Os chamados "Elefantes brancos" foram construídos utilizando elevadas quantias dos cofres públicos, porém, por não haver grandes torcidas nessas regiões, não existe a possibilidade de se ter um retorno com bilheteria, tornando extremamente custosa e deficitária a manutenção de uma estrutura desse porte.

Essa utilização do futebol como forma de controle pode ter sido uma das grandes formas de manipulação política e social, sendo essa mais fácil de ser legitimada por não usar de violência e ser um esporte praticado e amado por diversos setores da sociedade, principalmente pela massa empobrecida.

O esporte, no caso o futebol, torna-se, assim, algo utilizado como uma distração útil aos interesses dominantes ao mesmo tempo em que serve como "ópio do povo". Porém, como afirma Lira Neto,

dizer que o futebol pode ser utilizado como "ópio do povo" não significa culpá-lo por problemas sociais quaisquer, mas significa, pelo contrário, que são os problemas sociais que tornam necessária a existência de algo que proporcione ânimo, alegrias a uma existência sofrida - o que pode ser conseguido por meio do futebol (2012, p. 29-30).

A expressão "ópio do povo" é utilizada por Marx em uma de suas obras, na qual ele a utiliza para se referir a religião. Ele analisa o caráter contraditório da mesma, caráter esse que também podemos aplicar ao futebol, como faz Lira Neto ao dizer que,

Assim como ocorre com a religião, o futebol é atravessado pelas contradições do modo de produção capitalista. Ele deve ser pensado dialeticamente, como um fenômeno que traz no seu bojo elementos que dão reforço, mas que também protestam contra as condições objetivas de vida impostas pelo capitalismo, as quais constituem a miséria real, o vale de lágrimas em que o futebol se edifica (2012, p. 30).

A isso Lira Neto ainda acrescenta,

é necessária a crítica à utilização do futebol como meio para se desviar a atenção de determinados problemas sociais, em que este patrimônio da cultura corporal é posto de modo que atenda aos interesses da classe

dominante, embora permaneça sempre nele um espaço de luta (2012, p. 30).

É necessário entender o caráter contraditório do esporte, apreendendo este espaço, não só como ferramenta das classes dominantes, mas como espaço que pode e deve ser utilizado para criar uma consciência de classe. Neto dá um exemplo de como esses espaços podem ser utilizados como elementos de luta, segundo Lira Neto,

como os estádios recebem um público muito grande, sendo, geralmente, em sua maior parte, composto por membros das camadas populares, o espetáculo abre um espaço para possíveis manifestações públicas de protesto. Associada a essa característica está a veiculação do espetáculo que, embora tenha como finalidade atender aos interesses mercadológicos dos meios de comunicação de massa, pode, simultânea e contraditoriamente, servir de veículo para a transmissão de reivindicações contrárias aos interesses do Estado, como nos casos citados por Kfour¹¹ (2012, p. 32).

Diante do que foi apresentado, podemos aferir que, embora o futebol cumpra papéis contraditórios nessa sociedade, que é por si, em sua gênese, permeada pela contradição capital x trabalho e que isso, portanto, reverbera sobre todas as dimensões da vida, inclusive culturalmente, não podemos ver o futebol somente sob uma ótica ou destinada somente a um fim.

É preciso analisar o futebol em sua totalidade, a quem serve e a quem pode servir, dentro de um contexto social, analisando-o também como elemento culturalmente importante dentro da nossa sociedade.

Só assim poderemos entender, não só sua trajetória histórica, mas suas possibilidades para o futuro, acreditando na construção de um outro projeto de sociedade, onde nada precise ser escondido ou mascarado pelo futebol e ele seja apenas um momento de alegria.

¹¹ Para saber mais leia KFOURI, J. O futebol entre palcos e bastidores. In: CARRANO, P. C. R. (Org.). Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. A. B.; RIBEIRO, K. S. ***A interferência dos governos militares (1964-1985) no futebol brasileiro***. São Paulo: Universidade de São Paulo, Licere, Belo Horizonte, v.17, n.1, mar/2014.
- AQUINO, R. S. L. ***Futebol, uma paixão nacional***. Jorge Zahar Editor Ltda. 2002.
- AMAZZARAY, I. L. ***Futebol: O Esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional***. Rio Grande do Sul: Tese de Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- ARRUDA, Maria Arminda. ***A embalagem do sistema: a publicidade no capitalismo brasileiro***. 2ª ed. São Paulo, EDUSC, 2004.
- CANCLINI, N. G.; COELHO, C. N. P. ***As culturas populares no capitalismo***. São Paulo: Brasiliense. 1983.
- CASTILHO, M. M. ***Futebol, Sociedade e Política: Influência da Política na Formação e Desenvolvimento do Futebol no Brasil***. São Paulo: Monografia, Universidade de São Paulo, 2010.
- CORREA JUNIOR, R. A. ***No País do Futebol: As Implicações do Avanço do Capitalismo no Brasil e sua Influência no Esporte mais Popular do Planeta***. Rio de Janeiro: Tese de Graduação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- COUTO, E. ***A Esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978)***. Belo Horizonte: Revista de História do Esporte Artigo volume 3, número 1, junho de 2010
- CUNHA, F. S. ***Capoeiras e a Revolta da Vacina***. Maringá: Revista Espaço Acadêmico, n° 166, Ano XIV, p. 29 -38. Março de 2015.
- DAMATTA, R. ***Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro***. Rio de Janeiro: 6ª edição, Rocco 1997.
- DRUMOND, M. ***O esporte como política de Estado: Vargas***. In: PRIORE, M.; MELO, V. A. (orgs.). ***História do esporte no Brasil***. São Paulo: UNESP, 2009.

FAUSTO, B. ***História do Brasil: História do Brasil que cobre um Período de mais Quinhentos Anos, desde as Raízes da Colonização Portuguesa até Nossos Dias***. São Paulo: Edusp, 1996.

FERREIRA, F. C. ***Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX***. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 - N° 90 - Novembro de 2005. Acesso em: 26 set. 2015.

FILHO, M. R. ***O Negro no Futebol Brasileiro***. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRANZINI, F. ***A futura paixão nacional: chega o futebol***. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009.

GAY, P. ***O Cultivo do Ódio***. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KRAUSE, G. K. ***Futebol Como um Meio Construtor de Identidades***. Rio Grande do Sul: Tese de Graduação, Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2010.

JUNIOR, D. R.; SIGOLI, M. A. ***A história do uso Político do Esporte***. R. bras. Ci e Mov. 2004; 12(2): 111-119. Universidade de São Paulo.

NETO, J. F. L. ***O Conceito Marxiano de "ópio do povo" e a perspectiva brasileira de futebol***. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte - v. 11, n. 2, 2012 p. 26 - 37.

MACEDO, R. L. ***O Esporte no Estado Novo: Vigilância, Formação e Controle em Época de Guerra***. Curitiba - PR: 1º Encontro da ALESDE: "Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas". 2008.

MAGALHÃES, L. G. ***Futebol em tempos de ditadura civil-militar***. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH • São Paulo, julho. 2011.

MIRANDA, M. N. ***Futebol e o Projeto de Unidade Nacional no Estado Novo (1937-1945)***. Campinas - SP: X Simpósio Internacional Processo Civilizador, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

MÁXIMO, J.; PORTO, L. R. ***A história ilustrada do futebol brasileiro***. Rio de Janeiro, IBRASA, 1968.

MÁXIMO, J. ***"Memórias do futebol brasileiro"***. Estudos Avançados, v. 13, n. 37, p. 179-188, 1999.

NEGREIROS, P. J. L. C. ***O Brasil no Cenário Internacional: Jogos Olímpicos e Copas do Mundo***. In: PRIORE, M. e MELO, V. A. (orgs.). História do esporte no Brasil. São Paulo: UNESP, 2009.

PAVÃO, F. O. ***Entre o Batuque e a Navalha***. Curso de Pós- Graduação em Sociologia Urbana, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

POLI, G.; CARMONA, L. ***Almanaque do futebol SPORTV***. Casa da Palavra, 2009.

SANTOS, R. P. ***Tensões na Consolidação do Futebol Nacional***. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). História do esporte no Brasil. São Paulo: UNESP, 2009.

SANTOS, D. A. ***FUTEBOL E POLÍTICA: A CRIAÇÃO DO CAMPEONATO NACIONAL DE CLUBES DE FUTEBOL***. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, fundação Getúlio Vargas, 2012.

SCAGLIA, A. J. ***O futebol que se aprende e o futebol que se ensina***. 1999. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Campinas.

SILVA, A. X. ***HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO***. 2011. 57 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SOUZA, D. A. ***Futebol e resistência cultural no Primeiro Governo Vargas (1930-1945)***. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Buenos Aires, Revista Digital - Año 14 - Nº 131 - Abril de 2009. Acesso em: 26 set. 2015.

_____. ***Pra frente Brasil! Identidade nacional e futebol: enquadramentos, esquecimentos e resistências (1958-1983)***. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Buenos Aires: Revista Digital - Ano 19 - Nº 201, Fevereiro de 2015.

STÉDILE, M. E. ***Clubes de Futebol Operário como Espaço de Autonomia e Dominação***. Espaço Plural, Rio Grande do Sul, Ano XIV , Nº 29 , 2013 , p. 15 - 44.

TOURINHO, A. O. ***A influência das reformas urbanas parisienses no Rio de Janeiro dos anos 20***. Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, Anais das Jornadas de 2007.

ANEXOS

ANEXO A - Gladiador nos jogos públicos da Roma Antiga



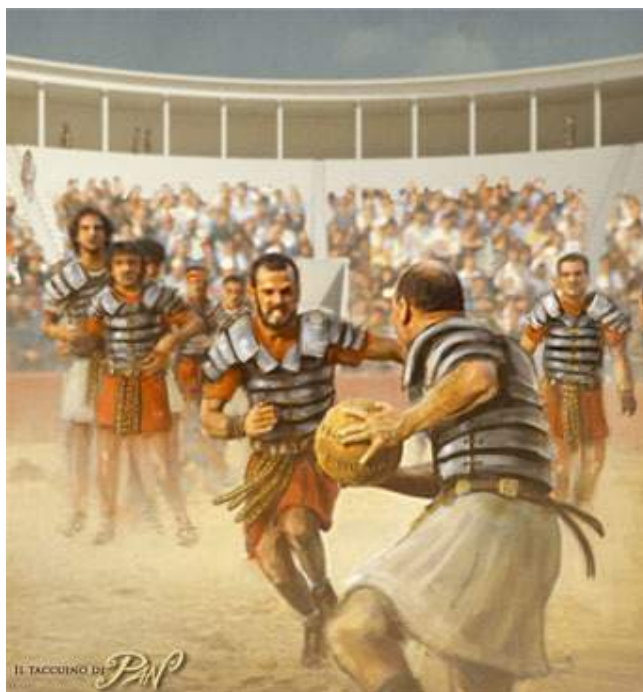
Fonte: transferido.xpg.uol.com.br/gladiadores.html

ANEXO B - Jogo de Tsu-Chu



Fonte: historiadigital.org/curiosidades/25-curiosidades-da-historia-do-futebol

ANEXO C - Harpastun



Fonte: blogfutebolclube.com.br/historia-futebol-mundial/

ANEXO D - Mass Futebol ou Futebol de massa na Inglaterra



Fonte: batomefutebol.wordpress.com/2011/01/30/a-evolucao-da-bola/

ANEXO E - Início do Futebol na Inglaterra



Fonte: trivela.uol.com.br/150-anos-de-futebol-a-criacao-e-a-expansao-das-regras

ANEXO F - O "pai" do futebol no Brasil, Charles Miller.



Fonte: trivela.uol.com.br/

ANEXO G - Representação da revolta da vacina na novela "lado a lado", da Rede Globo



Fonte: educacao.globo.com/artigo/revolta-da-vacina-e-revolta-da-chibata-em-lado-lado.html

ANEXO H - Vasco campeão carioca de 1923. Foi um dos clubes pioneiros na presença de negros em seu plantel.



Fonte: <http://www.netvasco.com.br/mauoprais/vasco/1923rj.html>

ANEXO I - Arthur Friedenreich com a camisa da seleção brasileira



Fonte: <http://allgreatworld.blogspot.com.br/2011/04/worlds-highest-paid-soccer-players.html>

ANEXO J - Jogador Carlos Alberto



Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/quanto-drama/bastidores/lado-a-lado-futebol-po-de-arroz/>

ANEXO L - Bangu A.C

Fonte: <http://trivela.uol.com.br/quem-sera-o-proximo-vasco-bangu-ou-ponte-preta/>

ANEXO M - Vargas desfilando em carro aberto no estádio de São Januário

Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/1-de-maio-getulio-jk-riocentro-12397422>

ANEXO N - Leônidas em treinamento



Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/1185609-museu-do-futebol-homenageia-leonidas-da-silva-e-outros-jogadores.shtml>

ANEXO O - Barbosa após levar o segundo gol da seleção uruguaia



Fonte: <http://www.saopaulofc.net/noticias/noticias/historia/2014/6/28/o-sao-paulo-na-copa-do-mundo-de-1950/>

ANEXO P - Médici recebe a seleção brasileira após a conquista da copa do mundo



Fonte: <http://www.usp.br/aun/exibir.php?id=5933>

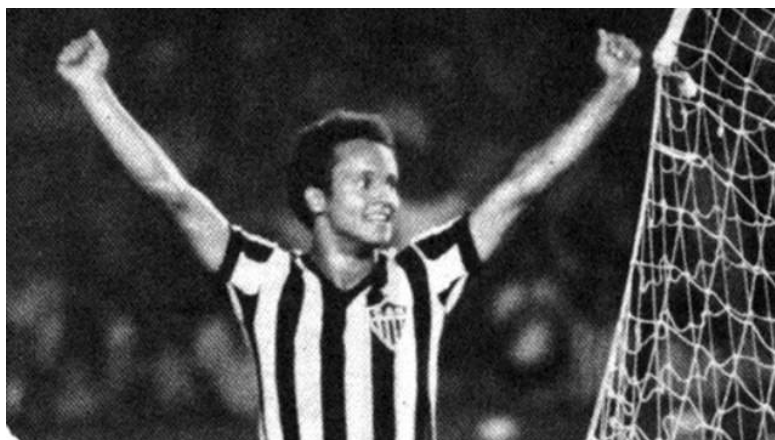
ANEXO Q - Dados sobre a construção de estádios durante a ditadura

Estádio	Cidade	Ano de inauguração	Estádio	Cidade	Ano de inauguração
Palma Travassos	Ribeirão Preto-SP	1964	Almeidão	João Pessoa-PB	1975
Mineirão	Belo Horizonte-MG	1965	Alfredo Jaconi	Caxias-RS	1975
Barão de Serra Negra	Piracicaba-SP	1965	Amigão	Campina Grande-PB	1975
Lomantão	Vitória da Conquista-BA	1966	Serra Dourada	Goiânia-GO	1975
Abreuzaão	Marília-SP	1967	Verdão	Cuiabá-MT	1976
Santa Cruz	Ribeirão Preto-SP	1968	Índio Condá	Chapecó-SC	1976
Rei Pelé	Maceió-AL	1968	Centenário	Caxias-RS	1976
Vila Euclides	São Bernardo-SP	1968	Estádio do Café	Londrina-PR	1976
Beira-Rio	Porto Alegre-RS	1969	Willie Davids	Maringá-PR	1976*
Batistão	Aracaju-SE	1969	JK	Itumbiara-GO	1976
Vermeilhão da Serra	Passo Fundo-RS	1969	Bezerrão	Gama-DF	1977
Morumbi	São Paulo-SP	1970*	Décio Vitta	Americana-SP	1977
Colosso da Lagoa	Erechim-RS	1970	Limeirão	Limeira-SP	1977
Martins Pereira	São José dos Campos-SP	1970	Mangueirão	Belém-PA	1978
Lanchão	Franca-SP	1970	Walter Ribeiro	Sorocaba-SP	1978
Vivaldão	Manaus-AM	1970	Serejão	Taguatinga-DF	1978
Romeirão	Juazeiro do Norte-CE	1970	Pituaçu	Salvador-BA	1979
Moreirão	Campo Grande-MS	1971	Lacerdão	Caruaru-PE	1980
Presidente Médici	Itabaiana-SE	1971	Romildão	Mogi Mirim-SP	1981
Arruda	Recife-PE	1972	Moacyrzão	Macaé-RJ	1982
Uberabão	Uberaba-MG	1972	Olimpico Regional	Cascavel-PR	1982
Machadão	Natal-RN	1972	Castelão	São Luís-MA	1982
Albertão	Teresina-PI	1973	Prudentão	Presidente Prudente-SP	1982
Castelão	Fortaleza-CE	1973	Ipatingão	Ipatinga-MG	1982
Jauzão	Jau-SP	1973	Parque do Sabiá	Uberlândia-MG	1982
Mané Garrincha	Brasília-DF	1974	Kleber Andrade	Cariacica-ES	1983

Fonte: <http://trivela.uol.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elefantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/>

ANEXO R - Meia Afonsinho

Fonte: <http://trivela.uol.com.br/onze-vozes-futebol-que-se-rebelaram-nos-anos-de-ditadura/>

ANEXO S - Reinaldo

Fonte: <http://trivela.uol.com.br/onze-vozes-futebol-que-se-rebelaram-nos-anos-de-ditadura/>

ANEXO T - Sócrates e Casagrande



<http://esporte.uol.com.br/futebol/album/2013/09/13/veja-fotos-da-democracia-corintiana.htm>

ANEXO U - Faixa pedindo anistia política, no jogo entre Corinthians e Santos

Fonte: <http://prof-guilherme.capesp.org/ar>